

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Pastoreio do Futuro: projeto de sustentabilidade para a Terra  
Indígena São Marcos, Roraima.**

Alfredo Bernardo Pereira da Silva

Orientador: Prof.Dr.Othon Henry Leonardos

Trabalho final de Mestrado Profissional

Brasília-DF, 21 de dezembro de 2012.

SILVA, Alfredo Bernardo Pereira.

**Pastoreio do Futuro: projeto de sustentabilidade para a Terra Indígena São Marcos, Roraima/Alfredo Bernardo Pereira da Silva.**

Brasília. 2012.

57p.

Trabalho final de Mestrado Profissional. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília.

1. Desenvolvimento sustentável 2. Sustentabilidade cultural 3. Preservação ambiental 4. Povos Indígenas 5. Terra Indígena São Marcos 6. Pastoreio

II. Título

SILVA, Alfredo Bernardo Pereira.

**Pastoreio do Futuro: projeto de sustentabilidade para a Terra Indígena São Marcos, Roraima/Alfredo Bernardo Pereira da Silva.**

Brasília. 2012.  
57p.

Trabalho final de Mestrado Profissional. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília.

1. Desenvolvimento Sustentável 2. Sustentabilidade Cultural 3. Preservação ambiental 4. Povos Indígenas 5. Terra Indígena São Marcos 6. Pastoreio  
II. Título

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias deste trabalho de mestrado profissional e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte deste trabalho de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Assinatura

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por ter me dado vida e saúde para desenvolver o presente trabalho.

À minha família pela força e contribuição em todas as fases do curso.

Ao meu professor e Orientador, Othon Leonardos, pela presteza, compreensão, carinho e dedicação que teve comigo ao longo do curso e da construção deste trabalho. Agradeço aos demais professores que compuseram a minha banca, ao professor Thomas Ludewigs, Rudi Els e ao mestre e companheiro Marcos Terena.

Agradecimentos também as instituições que somaram esforços junto a UNB/CDS para viabilizar o presente curso. Ao Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Ministério da Cultura, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR, Conselho Nacional de Desenvolvimento e Científico e Tecnológico (CNPq), Comando Geral das Forças Armadas e a Base Aérea de Brasília.

Aos colegas de curso, pela preciosidade que foi tê-los como companheiros e companheiras.

À Márcia Cunha e a equipe da NDTV, pelo apoio e interesse em divulgar o meu trabalho e o curso.

Ao General Jaborandi, aos seus oficiais, as lideranças indígenas Ianomami e Tucano as quais saúdo em nome de Álvaro Tucano, por nos terem propiciado momentos marcantes e inesquecíveis em nossa passagem pela região do Alto Rio Negro.

Especial agradecimento a todos os moradores da comunidade indígena da Nova Esperança (RR) pela compreensão e apoio durante a minha ausência da comunidade, em prol de um propósito nobre.

Por fim, meus sinceros agradecimentos a todas as comunidades, lideranças, professores, mulheres indígenas, Agentes Indígenas de Saúde (AIS), Agentes de Saneamento (AISAN), aos jovens e crianças da Terra Indígena de São Marcos (RR) pela contribuição, pela força e fé em nosso trabalho.

Que Deus abençoe a todos e a todas.

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa e agradável vontade de Deus” (Romanos 12:2).

## RESUMO

O presente trabalho trata do desafio de desenvolvimento sustentável dos povos indígenas *Taurepang*, *Wapixana* e *Macuxi* (TWM) que habitam a Terra Indígena São Marcos, nos municípios de Boa Vista e Pacaraima, no Estado de Roraima. Num território de 654.110 hectares, reconquistado na última década, busca-se equacionar o desenvolvimento de atividades produtivas com sustentabilidade ambiental e cultural. Os TWM tem um histórico de manejo com a pecuária, criado em sistema familiar e comunitário, fruto de seus contatos com os colonizadores. Uma das estratégias dos TWM é a utilização de uma das dezenas de fazendas indenizadas (Fazenda Xanadu) para implantação de uma incubadora agropecuária indígena, cuja missão é a catalisação de conhecimentos e técnicas de manejo do pasto e do solo que ajude a impulsionar suas atividades agropecuárias, mediante o diálogo de saberes com as tecnologias indígenas. Dois conhecimentos foram selecionados pelas comunidades indígenas: o Pastoreio Racional Voisin (PRV) e Pastagem ecológica e a técnica de fertilização e mineralização do solo através do sistema de rochagem. O desafio do projeto é fazer com que a fazenda Xanadu, como incubadora indígena, se torne uma iniciativa sustentável, construindo conhecimentos que possam ser replicados para as mais de quarenta comunidades indígenas que vivem dentro da terra indígena São Marcos.

1. Desenvolvimento Sustentável 2. Sustentabilidade Cultural 3. Preservação Ambiental 4. Povos Indígenas 5. Terra indígena São Marcos 6. Pastoreio.

## ABSTRACT

This dissertation comprises a project that deals with the challenges related to the sustainable development of the *Taurepang, Wapixana and Macuxi* People (TWM) that inhabit the São Marcos Indigenous Territory in the Boa Vista and Paracaima Counties in the state of Roraima. It relates that within this continuous land of 674,110 hectares that was regained by the Indigenous People after decades of conflict with invading farmers, the goal among the inhabitants that is the focus of this dissertation is the promotion of productive economic activities that are compatible to maintain cultural and environmental sustainability. By a continuous dialogue process in meetings and assemblies involving over forty villages, the land and edifications left by the farmers were indemnified and the areas were progressively occupied by the native Indian communities and their herds. Strategic spaces, the so-called **deposit farms** for herd guarding and reproduction were established for later distribution among such communities. Divided into high, medium and low, each sub-region had defined its strategic place to developed, manage and keep its *deposit farm*. After field work and consultations with indigenous shepherds and local leaderships an area of eleven thousand hectares, 400 cattle and 160 sheep herds was chosen (Xanadu farm) in the High São Marcos region where a plan of action was developed according to its localization, access and infrastructure. This sustainability project for the Xanadu Farm advocates to transform it into an experimental agro-forestry incubator livestock farm in which low cost technologies could be triggered for further dissemination among indigenous farms. It also endeavors for the next three years to develop an indigenous know-how that can dialogue with modern green technologies such as Rational Voisin Cattle Grazing, ecological community pastures and rocks for crops (soil re-mineralization) concepts. Establishing indigenous local productive arrangements that could deal with the communities demand, population increase and its pressure on natural resources is the greatest challenge that must be dealt with

Key words: 1. Sustainable development 2. Cultural sustainability 3. Environmental preservation 4. Indigenous People 5. São Marcos Indigenous Territory 6. Cattle Crazing.

## LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 COMUNIDADES INDÍGENAS DA ETNO-REGIÃO DO BAIXO SÃO MARCOS.....	17
QUADRO 2 COMUNIDADES INDÍGENAS DA ETNO-REGIÃO DO MEIO SÃO MARCOS.....	17
QUADRO 3 COMUNIDADES INDÍGENAS DA ETNO-REGIÃO DO ALTO SÃO MARCOS.....	18
QUADRO 4 ASSOCIAÇÕES INDÍGENAS COM ATUAÇÃO NA T. INDÍGENA SÃO MARCOS.....	21
QUADRO 5 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES REFERENTE AO ANO I.....	50
QUADRO 6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES REFERENTE AO ANO II.....	51
QUADRO 7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES REFERENTE AO ANO III.....	53



## LISTA DE IMAGENS E MAPAS

IMAGEM 1 MULHERES NDÍGENAS NO PASTOREIO DO REBANHO.....	21
IMAGEM 2 REBANHO BOVINO COLETIVO DA COMUNIDADE DA CURICACA.....	25
IMAGEM 3 UTILIZAÇÃO DE CARNE BOVINA EM ASSEMBLEIA GERAL.....	26
IMAGEM 4 TRECHO DA BR 174 NA SUA PASSAGEM PELA TISM.....	27
IMAGEM 5 VISTA AÉREA DO LAVRADO RORAIMENSE.....	40
IMAGEM 6 VISTA FRONTAL FA SEDE DA FAZENDA XANADU.....	44
IMAGEM 7 CENTRO COMUNITÁRIO DA NOVA ESPERANÇA .....	45
IMAGEM 8 DIRETORIA E CLABORADORES DA ASSOCIAÇÃO PRONESP.....	47
IMAGEM 9 SÍTIO ARQUELÓGICO DA PEDRA PINTADA.....	48
MAPA 1 MAPA DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.....	15
MAPA 2 TRAÇADO DA INTERLIGAÇÃO ENERGÉTICA VEBEZUELA/BRASIL.....	16

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ADER** - Agencia de Defesa Agropecuária de Roraima.
- ACPIIM** - Associação dos Produtores Indígenas do Maruwai
- ALIDCIR** - Aliança de Desenvolvimento das Comunidades Indígenas de Roraima
- APIRR** - Associação dos Povos Indígenas do Estado de Roraima
- APITSM** - Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos
- AIS** - Agente Indígena de Saúde
- CIR** - Conselho Indígena de Roraima
- DSEI/LESTE** - Distrito Sanitário Indígena do Leste de Roraima
- EMBRAPA** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- ELETRONORTE** - Centrais Elétricas do Norte do Brasil
- FIAM** - Feira Internacional da Amazônia
- FEIR** - Feira de Empreendedores Indígenas de Roraima
- FUNAI** - Fundação Nacional do Índio
- FUNASA** - Fundação Nacional de Saúde
- IBGE**- Instituto Brasileiro Geografia e Estatísticas
- IBAMA** – Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis e não renováveis
- IPHAN**-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MMA** - Ministério de Meio Ambiente
- MPA** - Ministério da Pesca e Aquicultura
- MPF** - Ministério Público Federal
- OCR** - Organização das Cooperativas do Estado de Roraima.
- OCB** - Organização das Cooperativas Brasileira
- OPIR** - Organização dos Professores Indígenas de Roraima
- PPPECOS** - Programa de Pequenos Projetos Ecosociais.
- PRONESP** - Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança
- PRV** - Pastoreio Racional Voisin
- RR** - Roraima
- SEBRAE/RR** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas de Roraima
- SEPPIR**- Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
- SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SENAR**- Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
- SRMTE**- Superintendência Regional do Ministério do Trabalho e Emprego
- SODIUR** - Sociedade de Defesa dos Índios Unidos no norte de Roraima
- TWM** – Taupepang, Wapixana e Macuxi.
- TISM** – Terra Indígena São Marcos
- TIRSS**- Terra Indígena Raposa Serra do Sol

## SUMÁRIO

### LISTA DE QUADROS

### LISTA DE IMAGENS E MAPAS

### LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. SUSTENTABILIDADE DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 A TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.....	15
1.2 OS POVOS INDÍGENAS TWM DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.....	17
1.3 REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DOS TWM DA TERRA INDÍGENA MARCOS.....	20
1.4 A ECONOMIA DOS TWM DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS .....	22
<b>2. SUSTENTABILIDADE, CULTURA E TERRITORIALIDADE.....</b>	<b>27</b>
2.1 ACESSO E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS.....	28
2.2 SUSTENTABILIDADE NA CONECPÇÃO E PRÁTICA WAPIXANA.....	31
2.2.1 RESPEITO AOS SÁBIOS E AS FORÇAS DA NATUREZA.....	32
2.2.2 RESPEITO AO “PAI DAS CAÇAS E DOS PEIXES” .....	35
2.2.3 RESPEITO AOS LUGARES POR ONDE ANDA.....	35
2.2.4 OS CUIDADOS COM O CORPO E O ESPÍRITO.....	36
2.2.5 O SENTIDO DA PARTILHA E DA TROCA.....	36
2.2.6 O RESPEITO AOS MAIS VELHOS.....	37
2.2.7 O RESPEITO À AUTORIDADE.....	37
2.2.8 O SENTIDO DA VIDA E DA MORTE.....	37
2.3 PECUÁRIA NA TISM: DINAMICA, CARACTERÍSTICA E DESAFIOS.....	38
2.4 O MODO INDÍGENA DE LIDAR COM A PECUÁRIA.....	38
<b>3. ASPECTOS BÁSICOS DO PROJETOPASTOREIO DO FUTURO.....</b>	<b>43</b>
3.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES.....	42
3.2 OBJETIVO GERAL.....	43

3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	43
3.4 METODOLOGIA DE TRABALHO.....	44
3.5 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE.....	46
3.6 ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE.....	47
3.7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	48
3.7.1 ESTRUTURA TÉCNICA, ADMINISTRATIVA E DE GESTÃO.....	48
3.7.2 ESTRUTURA FÍSICA E OPERACIONAL.....	49
3.7.3 ESTRUTURA EXPERIMENTAL DE MANEJO DE GADO E DE PASTO.....	49
3.7.4 AVALIAÇÃO E DIÁLOGO DE SABERES.....	49
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

Após algumas décadas de batalhas pela garantia e controle do território tradicional, os povos indígenas *Taurepang*, *Wapixana* e *Macuxi* (TWM) da Terra indígena São Marcos no Estado de Roraima têm agora o desafio de (re) organizar suas vidas sociais, culturais e econômicas. No centro das novas preocupações, temas como saúde, educação, cultura, soberania alimentar e meio ambiente. Necessidades básicas, mas que exige por parte de seus interessados um permanente processo de mobilização social e política. Tarefa nada fácil em um estado que se tornou conhecido por apoiar e institucionalizar atos de violências e perseguições políticas contra os povos indígenas. No campo na segurança alimentar, busca-se a organização de uma plataforma produtiva cujo volume de produção atenda satisfatoriamente as demandas da população indígena, cuja base econômica está centrada na agricultura e na pecuária. Outra agenda interessante refere-se ao acesso e utilização dos recursos naturais da terra indígena. Após o processo de desintrusão, trabalha-se para que sejam criadas, pactuadas e validadas institucionalidades que assegure o manejo adequado dos recursos naturais de uso comunal.

No campo produtivo, os TMW consensuaram promover o melhoramento do manejo pastoril, atividade que, nos últimos vinte anos, tem sido praticada pela quase totalidade das comunidades indígenas da região. O conhecimento inicial do manejo do gado foi adquirido com os colonizadores, mas a habilidade foi desenvolvida pela necessidade indígena de preservação dos pastos naturais do lavrado. Atualmente, cerca de 40 comunidades indígenas estão envolvidas com a pecuária. Andreello (1998) observou que, se há uma coisa que os índios do lavrado de Roraima aprenderam com os brancos em mais de dois séculos de contato, foi lidar com o gado, cuja importância pode ser traduzida em números. De acordo com Penna (2005), um levantamento feito em 1993, por Andreello, indicou a existência de 3.549 cabeças de gado na Terra Indígena São Marcos. Em 2010, esse número saltou para quase dez mil cabeças, um crescimento de 137,02% segundo estimativa da Agencia de Defesa Agropecuária de Roraima (ADERR, 2010). O aumento do número de rebanho bovino está relacionado diretamente ao acesso dos rebanhos bovino das comunidades aos novos pastos naturais que antes eram utilizados pelos fazendeiros, que saíram no final do século XX e início do século XXI, graças a um acordo firmado entre as comunidades indígenas e ELETRONORTE, para viabilizar a passagem de uma linha de transmissão de alta tensão por dentro de seus territórios. O recurso pago pela estatal às comunidades indígenas como parte da compensação ambiental foi integralmente utilizado pelas mesmas no pagamento de indenizações dos posseiros.

Com o término do processo de desintrusão, os TWM de São Marcos estabeleceram uma agenda permanente de debate para estudar formas e alternativas de gestão compartilhada de um patrimônio de 654.110 hectares. Na pecuária, cujo manejo utiliza pastagem natural, o chamado lavrado, busca-se conhecer novas técnicas e tecnologias de manejo que aliem produtividade com equilíbrio ambiental. Dentre essas tecnologias, destaque para o modelo conhecido como Pastoreio Racional Voisin (PRV) e Pastagem Ecológica, sistema que adota princípios ecológicos e que tem sido reconhecido e difundido pelo governo brasileiro na Amazônia Legal, junto as famílias de agricultores, assentados, médios e grandes produtores de gado. A outra preocupação está relacionada à produção agrícola. De igual modo, o objetivo é encontrar soluções alternativas de baixo custo que fertilize o solo, para a qual a aplicação da técnica de rochagem surge como uma proposta possível.

Membro e liderança da Terra Indígena São Marcos, o autor foi instado a contribuir, na construção e formalização de um projeto técnico para atender tais demandas, cuja proposta leva o título do presente trabalho: Pastoreio do futuro: projeto de sustentabilidade para a terra indígena São Marcos, Roraima. Para compreensão da relação do autor com o tema, e a região indígena em questão, encontra-se no quadro abaixo, informações resumidas que marcam sua trajetória e sua responsabilidade social e política com a terra e as comunidades indígenas de São Marcos.

*Sou Wapixana, nasci em 27 de agosto de 1966. Comecei minha vida como liderança comunitária no ano de 1985, quando tinha 19 anos de idade. Devido ao compromisso de estudar e cumprir meus compromissos com a comunidade, fui desenvolvendo o meu trabalho de forma intercalado. Por conta disso, como Tuxaua, atuei nos seguintes períodos, 1985/1986; 1991/1992; 2005/2007 e 2011 e segue até o ano 2016. Fora o compromisso com a minha comunidade, atuei também em ações políticas mais abrangentes, como vice-presidente da Associação dos Povos Indígenas do Estado de Roraima, no período de 1991 a 1992. Depois, em 1993, fui eleito presidente da APIRR, função que exerci até o final de 1995; presidente da Sociedade para o desenvolvimento Comunitário e Qualidade Ambiental- TWM, 1996/2000; diretor geral do Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança – PRONESP, 2002/2010 e presidente da Federação Indígena Brasileira-FIB, 2009/2014. Dessa forma, além da Comunidade Indígena da Nova Esperança, da qual sou Tuxaua, atualmente articulo com comunidades e povos indígenas de outros estados, exemplo do Acre (Kaxinawá), Minas Gerais (Maxacali), Tocantins (Karajá), Amazonas (Tikuna e Kambeba), Mato Grosso (Bakairi), Pará (Mundurucu), etc.*

*Na trajetória política no Estado de Roraima, participei diretamente dos processos de organização de diversas comunidades indígenas, da formação dos movimentos ligados à mulher indígena, professores e Agentes Indígenas de Saúde (AIS). No que tange ao projeto bovino, enquanto coordenador das organizações APIRR e TWM, assegurei a participação de membro dessas*

organizações na Comissão do Gado, criado pela FUNAI, no início da década de 1990, onde se discutiam os repasses dos projetos às comunidades, além de fazer todo o monitoramento e a fiscalização dos rebanhos que eram repassados para as comunidades indígenas. Através dos trabalhos desses representantes por mim indicadas e mantidas, muitas comunidades indígenas de São Marcos conseguiram ser beneficiados, assim como grupos e movimentos específicos recém-formados, exemplos das mulheres, professores e agentes indígenas de saúde.

## PARTE I

### 1. SUSTENTABILIDADE DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS

#### 1.1 A TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS

As atuais 654.110 hectares da TISM coincidem com a área da antiga Fazenda Nacional de São Marcos, fundada no final do século XVIII pelos portugueses, na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, ao lado de outras duas fazendas, “São Bento” e “São José” (Barbosa, 1993). A Terra indígena São Marcos, é ao lado da Raposa Serra do Sol, as duas grandes terras indígenas demarcadas na região do lavrado e serras de Roraima, conforme mostra a figura 2, abaixo. Sua superfície encontra-se presente em dois municípios, Boa Vista e Pacaraima. No primeiro município encontra-se cerca de dez comunidades, enquanto que no segundo, localizam-se a grande maioria das comunidades indígenas.



Mapa 1: Mapa da Terra Indígena de São Marcos (amarelo) ao lado da Raposa Serra do Sol.  
Fonte: Instituto Socioambiental-ISA  
Ano: 2005.

De acordo com FARAGE (1986), as Fazendas Nacionais foram alvos de intensos esbulhos a partir da década de 80 do século XIX, tendo sido também arrendado para poderosos empresários amazonenses, como Sebastião Diniz e J. G. de Araujo Ltda. Os rebanhos furtados das fazendas nacionais possibilitaram o surgimento de dezenas de fazendas no vale do rio Branco. O etnólogo alemão T. Koch-Grunberg (1979-1982) relata ter visto “numerosos boiadeiros particulares” no perímetro das fazendas nacionais. A introdução da pecuária, tanto nos campos do rio Branco quanto no rio Rupununi (Guiana), encurralou diversas aldeias no lado brasileiro, o que provocou uma debandada, sobretudo de *Macuxi e Wapixana*, para o a Guiana inglesa. Na década de 70 do século XX, observou-se um fluxo ao contrário, após a **Revolta do Rupununi**<sup>1</sup>. Mesmo assim, com todas as violências praticadas pelos colonizadores, muitos grupos indígenas conseguiram permanecer em seus territórios no lado brasileiro (SANTILLI, 1994). A pilhagem e o esbulho possessório fez com que TISM chegasse ao final do século XX com mais de 100 posseiros, formados por agricultores, que viviam em três Colônias Agrícolas (Sorocaima, Samã e Miang), fazendeiros, pequenos comerciantes e uma cidade com mais de cinco mil habitantes, erguida na parte norte da terra indígena, na divisa com a República Bolivariana da Venezuela. No acordo<sup>2</sup> firmado em 1999, entre as comunidades indígenas e Eletronorte, para interligação energética Brasil/Venezuela, conforme demonstrado no mapa 3, abaixo, todos os posseiros foram indenizados, com exceção dos moradores da cidade de Pacaraima, cujo levantamento não havia sido feito pela FUNAI- Fundação Nacional do Índio.



Mapa 2: mapa com traçado da interligação energética da energia da Venezuela para o Brasil.

Fonte: ELETROBRÁS/ELETRONORTE

Ano: 2007.

<sup>1</sup> A *Revolta do Rupununi* envolveu duas famílias, os Hart e os Melville, cujo objetivo era o de criar um novo país na região, a **Republic of Rupununi**. Este movimento aconteceu nos primeiros três dias do ano de 1969, tendo sido financiado pela Venezuela e organizado pelos criadores de gado, insatisfeitos com a política de Forbes L. S. Burnhan, então Primeiro Ministro da Guiana. A Venezuela financiou o movimento armado do Rupununi, no momento da radicalização de suas relações diplomáticas com a Guiana Britânica, objetivando recuperar a região do Rio Essequibo, reivindicada desde o Laudo de Paris de 1899 (Silva, 2005.p.11).

<sup>2</sup> A Interligação Venezuela-Brasil tem 211 quilômetros de extensão entre Santa Helena, na fronteira com a Venezuela, e Boa Vista. Fonte: Eletrobrás/Eletronorte.



## 1.2 OS POVOS INDÍGENAS TWM DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS

Os Macuxi e os Taurepang são povos de filiação linguística Caribe. Os primeiros tradicionalmente habitam a região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, em território politicamente partilhado entre Brasil e Guiana (SANTILLI, 1997). Os Taurepang vivem, parte no território brasileiro e, parte em território venezuelano, sendo que seu maior grupo encontra-se no país vizinho. Os *Taurepang* se autodenominam *Pemon*, termo que significa “povo” ou “gente”, etnônimo, no entanto, ainda pouco conhecido no Brasil, conforme Andrello (1993). Os *Wapixana*, que derivam do tronco linguístico Aruak, além de dividir quase o mesmo espaço geográfico com os *Macuxi*, habitam também a região das serras mais a leste de Roraima. Levantamento do Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima (DSEILESTE, 2012), constatou uma população de 5.226 pessoas na TISM. Dada a sua dimensão territorial, São Marcos foi dividido em três regiões, visando facilitar o planejamento de trabalho das próprias comunidades e de órgãos de governo que prestam serviços básicos na região. Conforme demonstrado nos quadros abaixo, estão assim divididas as comunidades indígenas.

### REGIÃO DO BAIXO SÃO MARCOS

Nº	Comunidade	Composição étnica
01	Aakan	Macuxi
02	Bom Jesus	Macuxi
03	Campo Alegre	Macuxi
04	Darora	Macuxi e Wapixana
05	Lago Grande	Macuxi
06	Ilha	Wapixana e Macuxi
07	Milho	Macuxi e Wapixana
08	Mauixe	Macuxi
09	São Marcos	Macuxi
10	Vista Alegre	Macuxi
11	Vista Nova	Macuxi
12	Três Irmãos	Macuxi

Quadro 1: Comunidades da região do baixo São Marcos, município de Boa Vista.  
Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima-DSEILESTE  
Ano: 2012.

### REGIÃO DO MÉDIO SÃO MARCOS

Nº	Comunidade	Composição étnica
01	Carangueijo	Macuxi

02	Maruwai	Wapixana e Macuxi
03	Monte Cristal	Macuxi
04	Pato	Macuxi
05	Lagoa	Macuxi
06	Perdiz	Macuxi
07	Roça	Macuxi
08	Tigre	Macuxi
09	Xiriri	Macuxi

Quadro 2: Comunidades da região do médio São Marcos, município de Pacaraima.  
Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima-DSEILESTE  
Ano: 2012.

### REGIÃO DO ALTO SÃO MARCOS

Nº	Comunidade	Composição étnica
01	Arai	Macuxi
02	Boca da Mata	Taurepang e Macuxi
03	Cachoeirinha	Macuxi
04	Entroncamento	Macuxi
05	Guariba	Macuxi
06	Ingarumã	Macuxi
07	Nova Esperança	Macuxi, Wapixana e Taurepang.
08	Nova Jerusalém	Macuxi
09	Novo Destino	Macuxi
10	Ouro Preto	Macuxi
11	Samã	Macuxi
12	Samã I	Macuxi
13	Samã II	Macuxi
14	Santa Rosa	Macuxi
15	Sol Nascente	Macuxi
16	Sorocaima I	Taurepang e Macuxi
17	Sorocaima II	Macuxi e Wapixana
18	Bananal	Macuxi
19	Kauwê	Macuxi
20	Tauparu	Taurepang e Macuxi
21	Sabiá	Macuxi
22	Curicaca	Macuxi

Quadro 3: Comunidades da região do alto São Marcos, município de Pacaraima.  
Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima-DSEILESTE  
Ano: 2012.

Pelas informações apresentadas nos quadros acima, observa-se uma superioridade de comunidades integradas por famílias Macuxi, seguida de Wapixana e, por último, Taurepang.

Os mais de dois séculos de contato com os colonizadores influenciaram no modo de vida dos TWM, cujos reflexos são percebidos na língua, na religião, nos hábitos alimentares, nos esportes e na arquitetura. As línguas indígenas ficaram restrita aos antigos, exemplo similar ao de outros povos espalhados em diversas regiões indígenas do país. Nas últimas duas décadas, um esforço das lideranças indígenas para resgatar a língua-mãe garantiu a inserção do ensino da língua materna nas grades curriculares de algumas escolas indígenas. Com isso, surgiu a figura do “professor indígena” ou “professor bilíngue”, já reconhecida pela Secretaria estadual de Educação. As práticas religiosas indígenas também deram lugar aos dogmas introduzidos pelo catolicismo, marcas que podem ser vistas nos nomes de batismo dos indígenas, nos nomes dados as comunidades (Santa Rosa, São Jorge, São Francisco, etc.). As festas tribais foram quase todas substituídas por festas de santos católicos. Uma expressiva parcela de líderes indígenas de São Marcos é egressa do antigo internato de Surumu, uma missão católica criada no início da década de 1970 do século XX. Até seu fechamento, na década de 1990, a Missão de Surumu recebeu dezenas de jovens e adolescentes indígenas Macuxi e Wapixana de diversas regiões do estado, dentre os quais, este autor<sup>3</sup>. Mantida por religiosos ligados à Missão Consolata, os jovens indígenas passavam, em média, três anos no internato, tempo que era utilizado para o aprendizado de diversos ofícios como mecânica, plantio de hortaliças; criação de animais de pequeno porte, para os homens. Para as moças indígenas, os ensinamentos das freiras se resumiam em técnicas de culinária; corte e costura; bordados e crochês e técnicas de enfermagem, cujo aprendizado se dava na própria missão, em um pequeno hospital e ambulatório mantido pela Igreja, que atendia as localidades do entorno. Ao retornarem para suas comunidades de origens, os jovens exerciam atividades como professor (a), colaborador (a) direto do Tuxaua e também como catequista, mobilizando as famílias e dirigindo os cultos dominicais, na ausência do padre. Alguns rapazes e moças chegaram a ser selecionados para seguirem carreira religiosa. A exceção ficou por conta de comunidades *Taurepang* que, de acordo com Andrello (1993), teriam sido doutrinados por missionários adventistas, como o inglês A.W.Cott, encontrado por uma expedição do General Rondon, pregando na aldeia de *Arabopo*, próximo ao Monte Roraima, por volta do ano de 1927. Até o presente, os Taurepang professam a doutrina da Igreja Adventista do 7º

---

<sup>3</sup> Minha passagem pelo internato de Surumu se deu nos anos de 1983 e 1984. Os conhecimentos adquiridos contribuíram decisivamente na construção de minha trajetória como liderança indígena. Em janeiro de 1985 fui eleito secretário do Tuxaua da Comunidade indígena de Sorocaima II e, três meses depois, fui eleito Tuxaua.

dia. Nos últimos anos, percebeu-se o aparecimento de outras denominações como Assembleia de Deus, Igreja Batista, Metodista, dentre outras, de orientação pentecostal e neo-pentecostal. Coincidentemente, no mesmo período, observou-se o afastamento gradativo de missionários católicos da Terra Indígena São Marcos.

Na arquitetura, as casas, antes cobertas com palha de buriti (*Mauritia flexuosa*) ou de najazeira (*Quararibea floribunda* K.Schum) foram sendo gradualmente substituídas por coberturas de telhas de amianto. Percebe-se que, com o surgimento do trabalho remunerado nas comunidades indígenas, esse processo acelerou. Profissionais como professores, diretores, supervisores, merendeiras, seguranças, agentes de saneamento, agentes de saúde, agentes de endemias, operadores de rádio fonia e de geradores de energia elétrica mantidos pelo estado, investiram na construção de casas de tijolos, tábuas e telhas de amianto. Existe, todavia, outro aspecto a ser considerado. Na última década, observou-se o surgimento de novas comunidades indígenas e o progressivo retorno de famílias que anos atrás haviam migrado para a cidade. Fatores que, somados, geraram uma pressão maior sobre os recursos madeireiros e de palha, tornando-as escassas em algumas localidades. Tal fenômeno explica o porquê de, na agenda de postulações comunitárias das lideranças indígenas da TISM, o quesito habitação encabeça a lista tríplice de prioridades. Por conta dessa demanda, as prefeituras de Boa Vista e de Pacaraima têm construído algumas casas com recursos da Caixa Econômica Federal. Contudo, a demanda continua sendo maior que a oferta.

### **1. 3 REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DOS TWM DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.**

A estrutura de representação política das comunidades indígenas TWM é alicerçada sobre um corpo de lideranças que, eleitas democraticamente pelas famílias, tem a missão de representá-las e de postular seus interesses. O grupo não tem mandato fixo. O tempo no cargo demora, em média, vinte quatro meses, contrário a época dos antigos que permaneciam nos cargos por mais de duas décadas. Um dos fatores que podem explicar essa diferença encontra-se no modo de vida dos atuais tuxauas, muitos dos quais são funcionários públicos o que, em alguns casos, acaba por sobrecarregá-los. Com isso, surgem opções, exemplo mais evidente está relacionada a ascensão de mulheres indígenas que, há bem pouco tempo, eram figuras politicamente invisíveis na estrutura representativa das comunidades. Atualmente, das mais de quarenta comunidades indígenas da TISM, três são comandadas por Tuxauas mulheres. O seguimento feminino também vem destacando na organização de movimento de mulheres, espaço utilizado para pleitear ações governamentais de interesse da região, como aconteceu na questão fundiária, bem como

em ações sociais ligadas á saúde e educação. As mulheres gerenciam uma fazenda, onde criam gado e outros animais de pequeno porte, como mostra a figura 1, abaixo.



Imagem 1: Mulheres da terra indígena São Marcos no pastoreio do rebanho de suas fazendas.  
Foto: Alfredo Bernardo Pereira da Silva  
Fonte: arquivo pessoal de Regina Santos da Silva  
Ano: 1998.

Com o surgimento da figura de “organização indígena”, a partir do final da década de 1980, e a concepção de “associação”, as comunidades TWM passaram a se vincular a esta ou aquela organização com base em critérios como religião, ideologia política, linhas de parentesco, etc. Primeiro a ser criado, o Conselho Indígena de Roraima-CIR centrou sua articulação na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, dando início à luta pela demarcação daquela área, com apoio da Igreja Católica. Em 1987, dissidentes do CIR criaram a Associação dos Povos Indígenas do Estado de Roraima-APIRR, integrada em sua maioria, por comunidades da Terra Indígena São Marcos. Porém, é na década de 1990, que o surgimento de novas associações indígenas, proliferou. Segundo dados do programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança-PRONESP (2012), atualmente, existe na TISM, cerca de nove associações indígenas, conforme apresentado no quadro 4, abaixo:

#### QUADRO DE ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS QUE ATUAM NA TISM

Nº	Associação	Comunidades Afiliadas
01	Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos- APITSM	Todas as comunidades da TISM
02	Associação dos Povos Indígenas do Estado de Roraima- APIRR	Vista Alegre, Darora, Campo Alegre, Lago Grande, Milho, Perdiz, Mauixe, Lagoa,

		Sorocaima II, Samã, Sama I, II, Nova Jerusalém, Vista Nova, São Marcos, Pato, Roça, Ilha, Três Irmãos, Aakan, Novo Destino, Cachoeirinha.
03	Associação Comunitária dos Produtores Indígenas do Maruwai-ACPIM	Comunidade do Maruwai
04	Aliança de Integração e Desenvolvimento das Comunidades Indígenas de Roraima-ALIDCIR	Entroncamento, Guariba, Bananal, Ingarumã, Sorocaima I e Kauwe.
05	Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança – PRONESP	Comunidade Nova Esperança
06	Organização dos Professores Indígenas de Roraima-OPIRR- regional São Marcos	Professores Indígenas que trabalham nas escolas indígenas
07	Sociedade para o Desenvolvimento Comunitário e Qualidade Ambiental- TWM	Sabiá, Curicaca, Boca da Mata e Santa Rosa.
08	Sociedade dos Índios Unidos do Norte de Roraima-SODIUR	Bom Jesus
09	Conselho Indígena de Roraima-CIR	Xiriri e Monte Cristal

Quadro 4: Organização indígenas com atuação na Terra Indígena de São Marcos  
Fonte: Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança - PRONESP  
Ano: 2012.

Outra seara que vem sendo trilhada pelos TMW é a da política partidária, sobretudo no município de Pacaraima, onde se concentra a maioria do eleitorado indígena. É marcante a participação indígena nas eleições municipais. Como se trata de um processo de aprendizado, em todas as eleições municipais as comunidades conseguem eleger, em média, dois candidatos indígenas. Situação mais cômoda é vista nos municípios de Normandia e Uiramutã, onde o eleitorado indígena é relativamente maior que a dos não indígenas, o que permite o lançamento de candidaturas indígenas tanto para o Legislativo quanto para o Executivo. Ambos os municípios são dirigidos por prefeitos indígenas.

#### **1.4 A ECONOMIA DOS TWM DA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.**

Alguns pesquisadores defendem que o conceito clássico de economia não se aplica aos povos indígenas por não levar em conta “diversos critérios estruturais, organizativos e sociais, porém muitas vezes não explicitados na literatura especializada” (SCHRODER, 2003, p.19). Elementos como emprego de capital financeiro e tecnológico, utilização de mão de obra remunerada; recursos naturais e máquinas; obtenção de lucros, juros, patentes e

*royalties* contrastam com realidades que se estruturam em formas e ambientes específicas que, em geral, apresentam como características básicas, a produção familiar, a ausência de instituições formais, baixo grau de especialização no processo, o uso do sistema de trocas, dentre outros.

Para OELZ (2008),

“Las economías de los pueblos indígenas y tribales se basan en las ocupaciones y fuentes de sustento tradicionales. Estas ocupaciones se basan en un conocimiento especializado del medioambiente y resultan de generaciones de experiencia en el cuidado e el uso de sus tierras e recursos naturales” (OELZ, 2008.p.19).

Que conceito então “enquadraria” as atividades produtivas tradicionais desenvolvidas pelos povos indígenas? Economia Familiar? Economia Solidária? Economia Social? Na visão de SCHRODER (2003) “economia indígena” compreende diversas formas de organização econômica formulada pelas sociedades indígenas devendo, portanto, ser considerada na forma plural. Na TISM, as atividades produtivas têm características básicas e acontecem de duas formas: produção familiar e produção comunitária.

A produção familiar consiste basicamente em atividades de criação de animais de pequeno porte como galinha, pato, porco, carneiro; agricultura de subsistência, com construção de pequenas roças não mais que 01 hectare, onde se cultivam produtos como banana, mandioca, macaxeira, abóbora, pimenta, cana de açúcar, feijão, milho e iame. A variedade de cultivo é também subordinada às condições edáficas, climáticas e de vegetação. Em áreas de lavrado, por exemplo, predominante nas regiões do baixo e médio São Marcos, prevalece o *cultivo de vazante*, onde se plantam cultivares de retorno rápido como pimenta, “maniva de seis meses”, feijão, abóbora e milho. É comum também as famílias construírem pequenos pomares ao redor de suas casas, onde são cultivadas plantas frutíferas como pinha, caju, manga, laranja, goiaba, limão e coco. Na região de floresta (Alto São Marcos) surgem plantas como jaca, jambo, café, acerola, ingá de metro, abacate, cupuaçu e goiaba. Alguns moradores cultivam também plantas medicinais, exemplo do boldo (*Plectranthus barbatus Andrews*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides Lineu*), erva cidreira (*melissa officinalis*), dentre outras. Com exceção da laranja e da jaca, os demais produtos acabam sendo destinados para consumo da própria família. Outro produto que contribui na renda de algumas famílias é o artesanato como cestarias, fabricadas com cipó titica (*Heteropsis Jenmani*) e Arumã (*Ischnosiphon Ovatus*). As dificuldades em comercializar os produtos acabam por inibir que mais pessoas trabalhem nessa atividade. A produção familiar envolve também a criação de gado bovino da raça

nelore. Anualmente são comercializadas algumas cabeças de gado nas cidades próximas (Boa Vista e Pacaraima) cuja renda vai para o custeio de despesas diversas como, por exemplo, a realização de tratamento médico, pagamento de despesas escolares dos filhos e mensalidades da faculdade, bem como para o custeio da própria atividade, na compra de vacinas, medicamentos e sal mineral. Outro modo de descarte ocorre em ocasiões especiais, como na comemoração de um aniversário, comemoração de bodas de prata, de ouro, etc. ou mesmo em festas religiosas, quando determinada família é adepta de algum santo católico.

A produção coletiva também apresentou adaptações, tanto na pecuária quanto na produção agrícola. As práticas dos TMW com atividades comunitárias sempre se pautou por trabalhos realizados em forma de mutirão, como *ajuri* ou *dijunta*, termos equivalentes semanticamente. Para realizar um *ajuri*, cada pai de família convida outros membros da sua comunidade para ajudá-lo em uma atividade específica (capina, broca, colheita, plantio de roça, etc.). No dia marcado, os convidados chegam e fazem o trabalho, geralmente em apenas um único turno, o da manhã. Ao dono da *dijunta*, cabe arcar com as despesas de alimentação e bebida para os trabalhadores. Nas décadas de 1980 e 1990, no entanto, disseminou-se na região o conceito de “roça comunitária”, termo cunhado pelos Missionários católicos da Missão de Surumu. A ideia parecia simples. Se uma comunidade indígena quisesse fazer uma roça maior, que servisse para todos os pais de família, poderia fazê-lo. Bastava para isso convocar as *dijuntas* e cumprir um cronograma de atividades. Posta em prática, a ideia revelou as dificuldades. O expressivo número de pessoas que iniciava os trabalhos ia, aos poucos, se dispersando, fato que sobrecarregava aqueles que seguiam até o final. Porém, quando chegava o período da colheita, todos os que iniciaram o trabalho reivindicavam a sua parte na produção. Isso gerou sérios problemas, discussões e cisões entre as famílias sendo, por isso, abandonado. Ao menos, na agricultura.

Na pecuária, a tese da produção coletiva, voltou se firmou, e se mantém até hoje. Para garantir êxito nessa atividade criou-se o mecanismo de “gratificação”, uma forma de “remunerar” a família de pastores responsável pelo cuidado do rebanho da comunidade. Entretanto, o modelo de “gratificação”, sistema conhecido como “sorte” ou “quatro por um” não era de todo estranho às comunidades. Ao contrário, durante anos esse foi justamente o sistema que arbitrou suas relações de trabalho como vaqueiros nas diversas fazendas da região. O sistema de “sorte” ou do “quatro por um” permitia que, de cada quatro bezerros nascidos vivos, um seria de propriedade do vaqueiro, constituindo assim a sua “remuneração” e/ou “gratificação”. Na imagem 3, abaixo, pode se observar um exemplo de



criação coletiva presente na Comunidade indígena da Curicaca, uma das primeiras a introduzir a atividade na TISM.



Imagem 2: parte do rebanho coletivo da comunidade indígena da Curicaca (povo Macuxi).  
Foto: Alfredo Bernardo Pereira da Silva  
Ano: 2012

Não há obrigatoriedade em ser pastor dos rebanhos da comunidade. Mesmo assim, um sistema de rodízio foi criado para assegurar que, aqueles que queiram, possam participar do sistema de “sorte”, cujo tempo médio para cada família dura, em média, doze meses. Recentemente, outros projetos coletivos de criação de gado gestados por professores, mulheres e Agentes Indígenas de Saúde (AIS) optaram por adotar o pagamento em dinheiro para seus vaqueiros, em função de que, pela natureza de suas atividades, tais categorias não teriam como participar do sistema de rodízio. Mediante coleta entre seus membros, pagam mensalmente ao vaqueiro uma quantia equivalente a um salário mínimo, valor que pode ser aumentado por este, caso queira aproveitar o leite das vacas para fabricar e comercializar queijos e doces de leite. Sistema um pouco semelhante é também praticado em outras partes do mundo, exemplo de algumas tribos africanas, conforme mostra KIPURY (2006),

“Los pastores kenianos (que incluem los maasai, Pokot, Turkana, Sambury y Somales) practican una variada gama de sistemas de producción que dependen de varios tipos de ganado (ganado vacuno, ovejas, cabras e los camellos) a menudo mezclados con otras estrategias de subsistencia (cultivo, caza, recolección, pesca y trabajo remunerado, entre otros). El pastoreo es efectivo y equitativo en cuanto a compartir los recursos, ya que prestar tomar prestado, compartir la leche y la carne y la migración de ganado garantizan que los productos de los sistemas pastoriles estén ampliamente distribuidos” (KIPURY, 2006, p.27).

Para os povos da TISM a repartição de benefícios seguem regras pactuadas quando se necessita fazer o uso ou o descarte de produção bovina coletiva. Além do custeio da

própria atividade (compra de vacinas, medicamentos e sal mineral) os recursos arrecadados com as vendas de gado comunitário são diretamente aplicados na aquisição de bens como veículos, motor de popa, gerador de energia, etc., ou para realização de obras como reformas de prédios, construção de escolas, enfermarias, clubes de mães, igrejas e, ainda, na comemoração de algum evento que integre o calendário cultural da comunidade. Na imagem 4, abaixo, uma amostra de utilização da carne bovina comunitária para atender a demanda de uma assembleia indígena da região, onde são tratados assuntos de interesse de todos.



Imagem 3: Preparação de carne para uma assembleia indígena da região de São Marcos, realizada na comunidade indígena de Curicaca, em 1994.

Foto: arquivo Regina Santos da Silva

Ano: 1994

Existe uma peculiaridade relacionada à produção e à comercialização de produtos agrícolas e carne bovina entre as comunidades indígenas que habitam a região do Alto São Marcos. A grande maioria está localizada próxima de dois núcleos urbanos, Pacaraima, no Brasil, e Santa Elena de Uairén, no lado venezuelano. A região de fronteira tem uma paisagem constituída por um mosaico de vegetação, com predomínio de “Floresta Ombrófila Densa” e a “Savana Estépica”, as quais se desenvolvem em relevo movimentado, temperatura amena e elevado índice pluviométrico (ALMEIDA, 2008). O deslocamento também é facilitado pela existência de uma rodovia federal (BR 174) e uma estadual (RR - 203), ao longo das quais se localizam diversas comunidades, conforme se observa na figura abaixo.



Imagem 4: Trecho da BR 174, na altura da Comunidade Indígena da Boca da Mata, Alto São Marcos.  
Foto: Alfredo Bernardo Pereira da Silva.  
Ano: 2007.

A área de floresta permite a produção de mandioca, banana, cana de açúcar, pimenta, abóbora, milho, mamão e feijão, cujos excedentes são comercializados nas duas cidades citadas. A carne é vendida nos açougues de Pacaraima. Todavia, com o surgimento de consumidores assalariados nas comunidades mais populosas da região, nos últimos três anos foram criados três pontos de vendas pelas comunidades indígenas, cujos produtos são comercializados com preços que variam até 30% menor que os praticados na cidade. Com isso, são diretamente beneficiados os anciãos e anciãs aposentados (as), mães de família beneficiárias da Bolsa Família, professores, diretores e técnicos de educação, agentes indígenas de saúde, agentes de saneamento, agentes de endemias, médicos, enfermeiros, odontólogos e técnicos de enfermagem que prestam serviços básicos de saúde nas comunidades indígenas, contratadas por entidades conveniadas com a SESAI-Secretaria Especial de Saúde indígena, ligada ao Ministério da Saúde. O ponto de venda localizado na comunidade indígena de Sorocaima II atende produtores (familiar e comunitário) de aproximadamente 18 comunidades indígenas que vivem nas áreas de São Marcos e na Raposa Serra do Sol. Um sistema de rodízio permite que comunidade usuária do espaço tenha dias certos para “cortar carne”.<sup>4</sup> A ausência de um estudo ou levantamento oficial não permite inferir o quantitativo de cabeças de gado que anualmente as comunidades produtoras colocam no mercado, tanto na cidade de Pacaraima como nas comunidades, e o quanto isso gera de divisas para as mesmas.

## PARTE II

### 2. SUSTENTABILIDADE, CULTURA E TERRITORIALIDADE.

---

<sup>4</sup> *Cortar carne* é uma expressão utilizada na região para explicar o trabalho de transporte e de comercialização de carne feita pelo produtor para o consumidor sem a intervenção de terceiros.

## 2.1 ACESSO E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS.

A utilização de recursos comunais por indivíduos e a busca de maximizar lucros em curto prazo pode ocasionar uma superexploração desses recursos e a sua conseqüente destruição. Com essa conclusão, Hardin (1968) lançou um ensaio que se tornou clássico intitulado “*The tragedy of the Commons*” (Tragédias dos Comuns) relacionado aos usos e apropriação de recursos naturais de uso comunal. A tese hardiana influenciou de forma determinante o pensamento acadêmico e o discurso institucional da década de 1970, fortalecendo o controle do Estado em detrimento do controle local sobre os espaços e os recursos naturais (Freire, 2001 apud Bruce, 1999; Hall, 1997; Richards, 1997). Para evitar, tanto a superexploração, quanto a destruição dos recursos naturais de uso coletivo, Hardin (1968) pregou a necessidade de se criar mecanismos que estabelecessem regras de utilização bem como a criação de instituições reguladoras (RAMALHO, 2009).

Considerada simplista e fatalista, a teoria hardiana passou a sofrer contestações por parte de diversos pesquisadores. A principal delas partiu da professora e cientista norte-americana, Elinor Ostrom, ganhadora do Prêmio Nobel de Economia em 2009, que contrapôs a tese hardiana, demonstrando que “o conjunto de bens comuns a vários indivíduos não é necessariamente mal gerido pelos seus utilizadores e que a privatização ou regulação por entidades externas não são as únicas, nem as soluções mais eficientes, para a gestão sustentável dos recursos” (SIMÕES *et al*, 2001, p.1).

Tal conclusão da pesquisadora teve como base diversos estudos empíricos realizados com populações que realizam com sucesso a gestão dos seus próprios recursos comuns.

Ainda de acordo com Simões *et al* (2001),

“Os estudos de Ostrom revelam que desde que o conjunto de princípios e de regras de propriedade coletiva esteja bem definido, sejam aceites e respeitados por todos, consegue-se evitar a sobre-exploração dos bens comuns”. Trata-se assim de um regresso às origens da gestão comunitária e do ideal de cooperação. Esta abordagem reforça a cooperação, evita o individualismo e procura o bem-estar social da comunidade. A contribuição de Ostrom é no domínio da equidade, da cooperação e da governança (Simões *et al*, 2011, p.1).

Entretanto, que conceito se aplica ao “uso comum de recursos” ou “regime de propriedade comum”?

De acordo com Ostrom & Mckean (2001):

“Propriedade Comum” ou “regime de propriedade comum” refere-se aos arranjos de direitos de propriedade nos quais grupos de usuários dividem direitos e responsabilidades sobre os recursos. O termo

“propriedade” está relacionado a instituições sociais e não a qualidades naturais ou físicas inerentes aos recursos. (OSTROM e McKEAN, 2001, p.80).

Ancorado na tese de OSTROM (2001) e, atento as possíveis variáveis, podem-se trabalhar as dinâmicas culturais e ontológicas que balizam as relações dos povos TWM da Terra Indígena São Marcos no que se refere aos usos e gestão de seus recursos naturais. Entretanto, para melhor compreensão desse processo, necessário é o estabelecimento de um parâmetro temporal, que compreende o período anterior e posterior à desintrusão da referida terra indígena.

No período anterior a 1999, as comunidades indígenas conviviam com os posseiros, os quais “fatiaram” e cercaram grande parte da terra indígena. Dessa forma, as comunidades eram proibidas de circularem nesses espaços, praticar alguma atividade de caça, pesca e coleta. No Maruwai, localizado no baixo São Marcos, havia um local fértil em caça e pesca muito utilizado por comunidades indígenas de São Marcos e da Raposa Serra do Sol. Consistia num dos poucos territórios considerados de “acesso livre”. A concepção de “acesso livre” tinha, no entanto, critérios de utilização por parte dos indígenas que ajudavam a regular os estoques pesqueiros e de caça. Embora não estivessem escrito em nenhum lugar, compunha um dos conhecimentos transmitidos oralmente pelas tribos. Dessa forma, se uma comunidade necessitava utilizar esses recursos, enviava, previamente, um emissário para consultar o Tuxaua da comunidade mais próxima, que cuidava daquele ambiente. Informações como (i) objetivo da caçada ou pescaria (podia ser para uma festa comunitária, um trabalho, uma assembleia etc.) (ii) quantidade de dias necessários, (iii) quantidade de pessoas que participariam e (iv) a data pretendida. De posse de tais informações, o Tuxaua autorizava, ou não. Sendo autorizado, o grupo seguia o trato conforme acordado. Uma vez no local, a comunidade anfitriã monitorava as atividades do grupo de duas formas: ou colocando junto um vigia, ou fazendo visitas esporádicas. Tais cuidados ajudavam a evitar o cometimento de possíveis excessos, como a captura de filhotes de peixes, de animais, ou a matança de caça fêmea em estado de gestação e/ou amamentação. Após cumprir o tempo, em sinal de agradecimento, cabia ao chefe do grupo visitante, o envio de uma “matutagem” (porção de carne de caça ou certa quantidade de peixes) para o Tuxaua anfitrião que, por sua vez, distribuía com algumas famílias de sua comunidade. O rito simbolizava um agradecimento e uma forma de “deixar as portas abertas” para futuras necessidades.

Compreender o caráter “normativo” desses processos pressupõe um mergulho na subjetividade para encontrar elementos que integram parte das Cosmologias TWM. Duas figuras ontológicas são consideradas nesse processo. A primeira se refere à figura do

“*guardador* ou *cuidador*” e, a segunda, a do “*dono*”. Na primeira categoria, incluem-se pessoas, grupo de pessoas e, por último, comunidade, tomado como um grupo maior de famílias. Por esse viés, entende-se que, um vaqueiro, responsável pelo pastoreio do rebanho da comunidade assume o papel de “*guardador ou cuidador*”. Seu trabalho, tarefas e compromissos são desenvolvidos em favor do bem comum, da coletividade. É, por assim dizer, um dos guardiões do patrimônio da comunidade. O mesmo papel se amplia para a comunidade que, estabelecida num ambiente (como no exemplo tratado acima) possuidora de reservas alimentares, madeireiras ou até mesmo de riquezas minerais, passa também a usufruir e a guardar um patrimônio que serve para uma gama maior de pessoas e de comunidades.

Mas, por que, “*guardador*”? Por que não, o “*dono*”? Porque a manutenção dessa consciência coletiva, que guia as suas relações com o meio físico, biótico e abiótico, lhes possibilita reconhecer determinados limites e limitações. É a partir de um determinado limite-reconhecido e aceito por todos-, que entra em cena a figura do “*dono*”, o Grande Espírito. Esse, sim, poderoso, transcendente, verdadeiro criador e mantenedor da vida e dos ambientes. Ao “*dono*”, cabe designar seres espirituais auxiliares, os “espíritos capatazes<sup>5</sup>” que tomarão conta dos diversos ambientes que compõe a natureza (matas, serras, rios, lagos, peixes, caças, minérios, vento, chuva, relâmpagos, insetos, reptéis, etc.) Surge daí a figura do “pai dos peixes”, “pai das caças”, “mãe da mata”, etc. Na concepção cosmogônica, seriam divindades espirituais “de bom coração”, mas também austeros na punição de indivíduos que os desrespeitam e quebram suas regras. Em alguns casos, são reconhecidos fisicamente em forma daquilo que cuidam (animais, peixes, florestas, etc.). No relato de um ancião Macuxi, dado ao autor, em 1993, sobre a escassez de peixe no Rio Cotingo, localizado na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, é possível perceber essa relação de causa/efeito, concernente ao cuidado e ao respeito que se deve ter para com tais divindades. O comentário a seguir ocorreu numa conversa informal tido pelo autor, quando durante a noite, se reuniu com alguns anciãos da aldeia do Contão (povo Macuxi) para discutir a situação da comunidade, a relação entre os povos, o cuidado com os recursos naturais, etc.

Na ocasião, disse o ancião:

“Não posso dizer que estou alegre e feliz porque não estou. Sou um velho triste, como muitos aqui. Eu nasci e me criei nessa região. Andei muito na companhia do meu pai caçando no lavrado e nas serras. Ele me ensinou a caçar, pescar e a respeitar a natureza e os espíritos. Naquele tempo, tudo era farto; tinha peixes, tatu, veado, capivara, jabuti. No rio havia muito peixe,

---

<sup>5</sup> Aqueles que administram e cuidam dos rios, lagos, animais, caças, peixes, etc., numa dimensão espiritual.

era farto. Meu pai tinha um lugar certo para pescar. Lá perto onde a gente pescava ficava o “pai dos peixes”. Meu pai me mostrou. Era uma pedra, muito parecido com um peixe. Todo mês papai levava pra ele um pouco de bagaço de pajuaru, que derramava em cima da laje. O espírito gostava disso e por isso liberava os peixes. Mas um dia, andou por aqui, um grupo de homens brancos, não sei de onde eles vieram; só disseram que eram pesquisadores. Eles descobriram essa pedra e foram lá, pegaram ela e levaram embora. Pronto. Desde essa época, o rio não deu mais peixe”. (Depoimento dado por um ancião Macuxi da Comunidade do Contão, no ano de 1993).

Pelas riquezas de detalhes apresentado pelo ancião depreende-se a existência de uma relação hierárquica, onde o homem constitui a base da pirâmide, tendo os “espíritos guardadores” como elementos intermediários entre o homem e o Grande Espírito. Desse modo, o homem estabelece também uma relação horizontal com os animais, visto está no mesmo plano hierárquico com estes e com os quais se podem aprender diversas coisas, principalmente a prática da solidariedade. Exemplo clássico, presente na natureza, é a da comunidade dos cupins (*Cryptotermes brevis*), cuja vida é baseada na partilha e no comprometimento coletivo para solucionar seus “problemas”. Agem sempre em bloco e em favor do bem comum. Na etapa posterior a 1999 que corresponde ao processo de desintrusão, a dinâmica de ocupação dos espaços segue uma nova configuração. Conforme já apresentado, a existência de associações atuando nesse território obrigou as comunidades a sentarem à mesa para discutir formas de ocupação da área. As fazendas indenizadas foram sendo distribuídas para as comunidades. Dessa forma, substituiu-se a figura dos “donos e “proprietários brancos” pelos os de “guardadores e cuidadores indígenas”. O sistema de trocas (escambo) continua vigente entre os povos da TISM e ocorre em circunstâncias específicas, como, por exemplo, na troca de palha de buriti por madeiras; carne de gado por farinha de mandioca; peixe seco por varas de manivas de macaxeira ou mandioca, etc.

## **2.2 A SUSTENTABILIDADE NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA WAPIXANA.**

A sustentabilidade para os Wapixanas é concebida a partir de um conjunto de teias que compreende a dimensão ambiental, espiritual, social e cultural, cujo aprendizado se inicia ainda na infância e se estende até a fase adulta. Uma parte desse conjunto de ensinamentos (e práticas) será descrito no presente tópico, em forma de relatos, e corresponde ao aprendizado que o autor teve nas fases infantil, juvenil e adulta, tendo sido transmitido por seu genitor, Francisco Alfredo Wapixana<sup>6</sup>, ancião já falecido em 2010. Os ensinamentos estão distribuídos em oito subseções e tratam de temas relacionados a

---

<sup>6</sup> Francisco Alfredo Wapixana nasceu em 17 de julho de 1935 na aldeia do Marud, Guiana Inglesa. Foi casado com Rosilene Pereira, da etnia Pemom e teve nove filhos, sendo seis do sexo masculino e três do sexo feminino. Vítima de câncer na laringe, agravada por uma pneumonia, faleceu em Boa Vista (RR), em setembro de 2010.



formação do caráter, da solidariedade, do respeito à natureza, aos anciãos, à família, à vida e à morte.

### 2.2.1 RESPEITO AOS SÁBIOS AS FORÇAS NA NATUREZA.

*Na aldeia, havia um pai de família que tinha dois filhos, Padhaa' e Mapoy. Padhaa', o mais velho era quieto, observador, prudente. Sabia ouvir os conselhos dos mais velhos e procurava obedecê-los. Já Mapoy era diferente. Não ligava muito pras coisas, gostava só de brincar, era impaciente e curioso. Não gostava de ficar sentado com outros garotos para ouvir os ensinamentos do pajé. Um dia, Padhaa' e Mapoy saíram para pescar num rio um pouco distante da aldeia. Levantaram cedo e partiram. Andaram, andaram, passaram por um vale, depois subiram e desceram uma serra até chegarem ao rio onde iriam pescar. O lugar estava em silêncio, alguns pássaros cantavam. Os irmãos resolveram descer o leito do rio para encontrar um ponto bom de pesca. Chegaram a uma praia linda, cheia de areias brancas e finas. Um vento forte começou a bater em seus rostos. De repente, Mapoy olhou para um ponto e viu algo que lhe chamou atenção. Curioso, saiu em disparada em direção ao objeto para ver o que era. Chegando lá ele gritou pelo irmão:*

*- Padhaa', venha ver isso....o que deve ser?*

*- Sei não, cuidado, Mapoy, alertou.*

*- parece um círculo feito de penas de arara, vou mexer nela, respondeu Mapoy.*

*- Não faz isso, não vê que pode ser uma armadilha?*

*-armadilha? De quem? Ah, não seja bobo, quer ver como vou pegar uma pena dessas?*

*- Mapoy, cuidado, não faz isso, gritou o irmão. Mas já era tarde. Ao tentar arrancar uma pena, Mapoy sentiu como que uma fisgada de anzol na parte da virilha. Com muita dor, gritou:*

*-Padhaa', socorro, me ajude, alguma coisa me pegou, aaaiiii....tá doendo.*

*Assustado, Padhaa' correu em direção ao irmão, que se debatia tentando se livrar. Mas, o máximo que conseguia era dá dois passos e voltava. Quando se aproximou, Padhaa' percebeu que o irmão havia caído numa das armadilhas do Tai-Tai,<sup>7</sup> o temível bicho da floresta. Ao ver o irmão se debatendo, veio a lembrança do conselho que um dia recebera do pajé.*

*"Toda vez que vocês encontrarem num lugar na praia, ou onde quer que seja, uma coisa bonita, um círculo, algo que chame atenção de vocês, não mexam nela porque pode ser uma armadilha e uma isca deixada pelo Tai-Tai para pegar as suas presas".*

*Diante do que via, Padhaa' não teve dúvidas. O irmão havia sido fisgado pela armadilha do Tai-Tai. E, agora? Pensou. O que vou fazer?*

<sup>7</sup> Na mitologia Wapixana, Tai-Tai é um animal que vive na floresta, com figura semelhante ao homem, mas que possui uma altura duas vezes maior que um homem de estatura mediana, possui olhos de fogo, dentes e unhas grandes e afiadas e tem o corpo peludo. O Tai-Tai utiliza como casa uma árvore grande oca, por onde sobre para viver lá no alto, junto com sua mulher. Para garantir alimento para o casal, o Tai-Tai distribui armadilhas pela floresta e além de caça, tem predileção por carne humana, preferencialmente crianças, por terem carnes moles e macias. Conta-se que o Tai-Tai raptava das aldeias crianças com aparência bonita para levar para um depósito que mantinha próximo de sua toca, onde, por algum tempo, alimentava as crianças com banana e outros tipos de frutas até ficarem gordas e puderem servir de alimento.



- *Mapoy, fique quieto e me escute, disse ao irmão. Você foi fisgado por uma armadilha do Tai-Tai. Você é teimoso, não quis me escutar... Agora, eu não posso fazer nada para tirá-lo daí. Só o pajé pode fazer isso. Vou ter que deixá-lo aqui e voltar correndo para aldeia buscar ajuda. Quando ouviu isso, Mapoy se desesperou.*

- *Não, Padhaa', por favor, não me deixe aqui sozinho, suplicou.*

- *não posso, não posso, tenho que ir, senão como vamos salvar você? Terá que ser forte agora. Procure não se mexer, pra não se ferir mais. Você está fisgado por uma linha e um anzol invisível, então, não tente se soltar. Vou correr o máximo que puder pra voltar com ajuda. Chorando e penalizado com a situação do irmão, Padhaa' se despediu e saiu em disparada. Sabia agora que cada segundo era precioso para salvar o irmão. À medida que corria, Padhaa' sua memória era inundada pelos conselhos e ensinamentos recebidos do pajé.*

*“Durante o dia, o Tai-Tai sai pela floresta distribuindo suas armadilhas para pegar suas presas. Depois, durante a noite, geralmente depois da meia-noite ele volta por onde deixou as armadilhas para verificar se existe alguma presa fisgada”.*

*Padhaa' sabia agora era hora de por em prática tudo o que aprendera e também de testar toda a sua capacidade física e as funcionalidades das puçangas<sup>8</sup> as quais fora submetido ao longo de sua infância. Agora, com 12 anos, tinha a oportunidade de ver a diferença e poder salvar o seu irmão.*

*Por sua vez, sozinho, Mapoy chorava convulsivamente. Em meio a dor e as lágrimas, lembrava-se dos conselhos que achara um exagero, uma bobagens. Tinha 10 anos agora, tempo suficiente para ter aprendido muita coisa, se não tivesse sido rebelde e cabeça dura. Agora estava ali, à mercê do Tai-Tai, contra o qual fora várias vezes orientado a ter cuidado. Pelas histórias que conseguia lembrar, o Tai-Tai não perdoava. Levava suas vítimas para sua toca para depois devorá-los. Só em imaginar seu corpo sendo rasgado violentamente por enormes garras e dentes afiadas o fez sentir um calafrio por todo o corpo.*

*Quando escureceu, Padhaa' ainda estava na metade do caminho. Para conseguir identificar o caminho, acendeu um candiru<sup>9</sup>. Além do irmão, sabia também que tinha que cuidar da própria segurança. Podia pisar a qualquer momento pisar numa cobra venenosa ou se deparar com uma onça pintada, que sabia ser abundante naquela região. Parava por alguns instantes, tomava fôlego e, continuava.*

*Duas da madrugada. Na beira do rio, além da dor da fisgada, Mapoy sofria com o frio. Cobriu parte do corpo com areia para tentar se aquecer. Atento a tudo, conseguiu ouvir o barulho de animais que andavam à noite na floresta. Levou um susto quando uma guariba<sup>10</sup> abriu o vozerão para fazer a sua primeira cantada na madrugada. Mas, depois da Guariba, um grito estranho forte e demorado soou na floresta, ao longe. O menino se assustou. Seria esse o grito do Tai-Tai? Pensou.*

*Cerca de dez minutos depois, novo grito, mais forte e mais próximo, Mapoy não teve dúvidas, era o*

<sup>8</sup> Sistema de tratamento aplicado pelos Wapixanas para diversas fases da idade. Na infância, na adolescência e na fase adulta a *puçanga* é aplicada conforme a fase de crescimento e somente para criança do sexo masculino.

<sup>9</sup> Tocha fabricada com o sebo das vísceras do gado.

<sup>10</sup> Guariba (*Alouatta belzebul*)

*monstro, era o Tai-Tai chegando. Entrou em desespero, e começou a chorar. Tentou de novo se soltar mais não conseguiu, a dor era muito forte. Não havia jeito, caiu de joelhos e chorou. Tudo estava acabado. Era o fim. Estava a poucos minutos de cair nas garras do terrível animal.*

*- O que vou fazer o que vou fazer o que vou fazer? Pensava ele, agoniado, numa busca desesperada de encontrar uma solução, qualquer solução de última hora que pudesse salvá-lo. Ouvia novo grito, forte, gutural, alguns pássaros se assustaram e começaram a voar.*

*- vamos, vamos, vamos, dizia ele. Pensa em alguma coisa...em alguma coisa.*

*De repente, seus olhinhos brilharam.*

*“Como não pensei nisso”? No limite do desespero uma luz acendeu em sua mente e trouxe a lembrança das palavras que um dia ouvira do pajé.*

*“Quando o Tai-Tai sai recolhendo suas presas, ele verifica se todos estão vivos.  
Geralmente ele não gosta de levar presas mortas para sua casa”.*

*“É isso, é isso, é isso”, disse para si mesmo e começou a correr contra o tempo para colocar seu plano em ação. Precisava de um pouco de fezes. Fez força para forçar a saída de um pedaço de fezes, o que não foi difícil em meio a angústia que estava vivendo; pegou as fezes, esfregou nas mãos, depois urinou em cima e começou imediatamente a passar pelo corpo, perna, coxas, barriga, rosto, braços, onde dava. Soou de novo um grito forte, parecia um trovão, o chão tremia, ventos fortes levantaram a areia. O menino percebeu uma silhueta grande, alto e magro se aproximando rapidamente. Esperou o momento certo para agir. O bicho soltou um grunhido rouco. Um cheiro fedido e acre tomou conta do ambiente. Com os olhinhos semiabertos Mapoy viu quando o Tai-Tai tirou das costas uma espécie de Jamaxim e jogou no chão, era onde levava suas presas amarrado. Por fim, se aproximou dele. Nesse instante, o menino prendeu a respiração e ficou imóvel. Percebendo isso, o Tai-Tai mexeu em seu corpo, revirou de um lado para outro e soltou um grunhido como se estivesse aborrecido. Na sequência, meteu a mão numa espécie de alforje e retirou de dentro uma formiga tucandeira. Aplicou o ferrão da formiga em algumas partes do garoto para se certificar se estava de fato morto ou não. O garoto suportou a dor das picadas sem se mexer. Percebendo que perdera a presa, o Tai-Tai liberou o anzol invisível que prendia o garoto, na sequência pegou-o pela perna, rodopiou no ar várias vezes e o lançou com todas as forças por cima das árvores e da floresta. O garoto foi cair dentro de uma lagoa que ficava próximo da sua aldeia. Em fim, foi assim que Mapoy conseguiu se salvar das garras do Tai-Tai. O menino cresceu, ficou adulto, casou-se e nunca mais quis desobedecer aos conselhos dos sábios. Usou a própria experiência para ensinar os seus filhos e as outras crianças da aldeia.”.*

## 2.2.2 RESPEITO PARA COM O “PAI DAS CAÇAS E DOS PEIXES”.

*“Tudo na natureza tem dono. Os peixes, os animais. Nós não somos donos de nada. Então, toda vez que for caçar ou pescar, lembre-se disso. Se você desrespeitar e quebrar as regras, os donos dos animais ficarão muito enfurecidos. Então, toda vez que for caçar e se deparar, por exemplo, com um bando de queixada, nunca mate o primeiro, que é bonito, todo grandão. Esse é o guia do bando, não se deve matar. Também não é preciso matar muito, só o que vai necessitar pra alimentar a família. O dono da caça não gosta que estraguemos a caça, que matemos uma fêmea quando está grávida ou amamentando. Você deve prestar atenção nessas coisas. No caso dos peixes, é a mesma coisa. Pesque só o necessário. Quando for botar timbó<sup>11</sup>, não estrague os peixes, leve mais pessoas pra evitar que isso aconteça. Cuide também do timbó, por que não existe muito timbó preto, esses é que é o melhor, o mais forte. O timbó branco não é muito bom, é fraco e não dá conta de uma pescaria. Assim, quando for arrancar o timbó, não corte todos os pés para que haja uma raiz para se reproduzir. Faça isso e estará agindo certo.”*

## 2.2.3 CUIDADO COM OS LUGARES POR ONDE ANDA

*‘Como já disse, todos os lugares tem dono. Toda vez que for para um lugar novo, onde nunca estive ou mesmo um lugar que ainda é virgem, que não muito frequentado pelos homens, tenha muito cuidado. Não tome banho no lugar fundo. Existem poços que são guardados por onças pretas ou por grandes serpentes. Se você não tiver cuidado, pode ser pego por eles. Outra coisa: quando tiver que dormir na beira de um rio, igarapé ou lago pouco explorado, preste atenção. Nunca lave seu prato sujo de pimenta dentro da água, isso pode enfurecer muito o dono que vai responder em forma de chuva repentina, acompanhada de fortes trovoadas e relâmpagos. Em meio disso tudo, a água pode levá-lo para o fundo e você pode ser devorado pelo espírito enfurecido. Então, não teime. “Lembre-se sempre disso e oriente também as pessoas que estiverem junto com você.”*

---

<sup>11</sup> **Bot.** Designação comum as plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas ,que induzem efeitos narcóticos e peixes e, por isso, são usadas para pescar.Fragmentadas e esmagadas, são lançadas na água;logo os peixes começam a boiar e podem ser facilmente apanhados à mão. Deixados na água, recuperam-se ,podendo ser comido sem inconveniente. (Novo Dic.Aurelio. 3ª Ed.2004). Na cultura Wapixana, as pescarias de timbó são feitas em ocasiões especiais . Não representa uma pescaria que se faça de qualquer modo. Está sempre subordinada a uma motivação maior, como um festejo comunitário, um trabalho comunitário que vai durar muitos dias e assim, sucessivamente.

## 2.2.4 CUIDADO COM O CORPO E O ESPÍRITO

*“Como você irá crescer, virar homem e pai de família, então terá que aprender a caçar, pescar, botar roça e sustentar sua família. Todos os tratamentos que você for submetido ao longo da sua formação, é para fortalecer o seu corpo e o seu espírito. Não deve ignorar, desprezar, subestimar ou coisas assim. Não é bom crescer fraco, desnutrido, sem força; você perde o valor, não é respeitado e as mulheres vão te olhar como uma pessoa inútil. Quando for para o mato, caçar, se encontrar aquelas formiguinhas que andam de bando, aproveite, pegue uma delas e se ferre no peito. Isso ajuda a te deixar forte, com sorte e melhora a sua visão para enxergar a caça. Se você for curado e tiver puçanga para algum tipo de caça, tome cuidado, respeite as recomendações do pajé. Não deite com sua mulher quando ela estiver menstruada, evite também comidas ou bebidas preparada pela esposa quando ela estiver nesse estado. Isso é ruim pra você, pode te deixar panema (azarado), trazer doenças para o teu corpo e deixar o teu espírito fraco. Não ande com fome dentro da mata também. A pessoa quando entra na mata com fome fica com o espírito fraco e indefeso para a mãe da mata, que pode pegar o espírito da pessoa. Mas se você um dia estiver nessa situação e se encontrar caçando ou pescando, se ouvir algum grito estranho, semelhante a de uma pessoa, não responda, porque pode ser que seja de um espírito querendo te atrair. É assim que ele testa. Se você responder, você o estará chamando para junto de si e assim ela te pega. Cuidado quando estiver caçando, pra não passar por debaixo de um tipo de cipó que fica enrolado, semelhante um círculo. Isso é conhecido. Quando a gente passa por baixo, ao invés de desviar dele, sua cabeça fica perturbada, você poderá perder o sentido, a direção de onde está indo e ficará perdido. Você caminhará, caminhará e quando se der conta, estará de novo no mesmo lugar de onde saiu. Então, evite. Seja prudente e ande com atenção. Muita gente morre por causa disso, por que brinca com a natureza e com os espíritos que nela habitam.”*

## 2.2.5 O SENTIDO DA PARTILHA E DA TROÇA

*“Nós não vivemos sozinhos no mundo, por isso, devemos ter a consciência da partilha. Sempre. Porque se hoje você tem e seu irmão não tem, amanhã acontece o contrário. Então, tenha sempre isso em mente. Quando alguém te enviar alguma coisa, seja um presente, uma carne de caça, um peixe, não deixe ele ou seu emissário retornar de mãos vazias. Isso não é bom. Dá alguma coisa, pode ser qualquer coisa; o importante é você demonstrar que está agradecido e está retribuindo isso. Não basta só falar, é preciso mostrar em atitude. Se você tem um beiju em casa, uma farinha, uma caxiri, um pajuaru,<sup>12</sup> oferece. Ensine também a sua mulher e os seus filhos a praticarem isso. Uma família quando ganha uma má fama, e passa a ser vista como sovina, é ruim, porque no dia que você estiver em necessidade e necessitar do seu próximo, ele pode virar as costas pra você, porque você provocou isso. Então, o importante é viver bem, em harmonia”.*

<sup>12</sup> Espécie de bebidas feitas à base de frutas ou de mandioca.

## 2.2.6 O RESPEITO AOS MAIS VELHOS

*“Preste muita atenção: nunca chame qualquer pessoa que seja mais velha que você, de **VOCÊ**. Seja ela mulher ou homem. Isso é feio. Demonstra falta de respeito e fica parecendo que teus pais não soberam te educar. Pessoas mais velhas devem sempre ser respeitadas. Por isso, trate-as sempre de senhor, senhora, vovô, vovó, de titio, titia. O sogro a gente deve tratar como tio e a sogra como tia. Da mesma forma os avós de tua mulher. Da mesma maneira, ela deve tratar os teus pais de titio e de titia. Nunca tire brincadeira com os mais velhos, os anciãos. Não é bonito. Os mais velhos devem ser respeitados com reverência, por que é deles que recebemos os ensinamentos e os conhecimentos. Aprenda e ensine aos teus filhos”.*

## 2.2.7 DO RESPEITO À AUTORIDADE

*“Aprenda, nenhuma autoridade é permanente. Quando você é chamado para liderar é porque você é chamado para ajudar, servir e compartilhar sua energia, sua solidariedade, seus conhecimentos e habilidades. Não precisa cobrar nada por isso. Olhe os exemplos dos pajés, dos rezadores, das parteiras. É um dom que eles têm e que colocam a serviço do bem comum. Sabem que são importantes e por isso servem de bom coração. A autoridade também é isso. É uma doação. E se você um dia for escolhido, deve se lembrar disso e praticar. Visite as casas, vá olhar como estão as roças dos moradores, escute os mais velhos, os pajés, atenda as mulheres, as crianças. Quando For procurado para resolver uma questão, seja paciente, escute com calma, nunca decida sem antes ouvir e conhecer os detalhes dos dois lados. Isso é sabedoria, cuidado, prudência. Se você agir assim, será sempre respeitado e terá o apreço da comunidade. Esse é o verdadeiro sentido da autoridade.”*

## 2.2.8 O SENTIDO DA VIDA E DA MORTE

*“É importante você aprender que a vida da gente só tem valor quando a gente a vive da forma correta, ou seja, ligando ela com tudo o que está ao seu redor. Nossa família, comunidade, os rios, os lagos, as pedras, as serras, os animais. Eles são parte da nossa vida porque têm vida igualmente a nós. Por isso que devemos respeitá-los. Outra coisa: viver bem é também com simplicidade, com alegria, com coração aberto. Se você come hoje, você agradece; se não come, também deve agradecer. Essa é a lei da vida. Você não tem condições de pagar o preço do vento que sopra em seu rosto, da luz que ilumina seu caminho todos os dias, das estrelas e da lua que nos fazem companhia quando estamos a caminhar. Depois, a morte chega como chega para as árvores que envelhecem e caem. Assim, elas se desmancham, adubam a terra e dão origens a outras pequenas plantinhas. Assim elas descansam em paz, porque cumpriram bem o seu papel”.*

### **2.3 PECUÁRIA NA TISM: DINÂMICA, CARACTERÍSTICAS E DESAFIOS.**

Comumente associada à devastação de ambientes naturais na Amazônia, a pecuária tem sido um fator de preocupação tanto para indígenas quanto para ambientalistas. Por certo, os questionamentos não se resumem a atividade em si, mas a forma como é explorada, quase sempre com pouca ou nenhuma tecnologia, fato que, enquadrado na equação custo/benefício, acaba por apresentar um resultado danoso ao meio ambiente. Todavia, trata-se de uma atividade importante para a sociedade e para o país. Num trabalho comparativo realizado por Valentim & Andrade (2009), acerca da evolução da pecuária do Brasil, tomado no período de 1975 a 1996, alguns dados são interessantes, dentre eles, o salto da população bovina brasileira, que saiu de 102 milhões de cabeças em 1996, para 207 milhões em 2005, uma taxa de crescimento de 102%. Nesse período, segundo o estudo, a região Norte apresentou um crescimento três vezes maior que a média nacional. Entretanto, no período de 2005 a 2007, a Amazônia Legal teve um decréscimo na sua produção bovina de 5,9%, com destaque para os estados do Pará (-15%), Tocantins (-7,1%) e Roraima (-5,1%) (Valentim & Andrade, 2009, p.13).

O estudo mostrou também que no mesmo período a pastagem brasileira cresceu apenas 4%, passando de 165,6 para 172,3 milhões de hectares. O diferencial ficou novamente para a região norte do país onde o crescimento foi de 518%. A substituição de pastagem nativa para pastagem cultivada passou de 24% para 56% enquanto que o uso de pastagens naturais teve redução de 76% para 44% (ibid, p.17). Mesmo assim, em 1996, as pastagens naturais ainda representavam 90% da área total com este uso da terra no Amapá, 81% em Roraima, 45% no Maranhão, 29% no Mato Grosso, 22% no Pará, 12% em Rondônia e 10% no Acre (Valentim & Andrade, 2009 apud IBGE, 2009 d). No entanto, se se pensar o quesito desmatamento relacionado às terras indígenas, uma boa notícia. O desmatamento histórico acumulado das mesmas, na Amazônia Legal<sup>13</sup>, é inexpressivo, afetando menos de 2% de sua extensão (Santilli, 2010, p.12).

### **2.4 O MODO INDÍGENA DE LIDAR COM A PECUÁRIA.**

No Brasil ainda é limitada a literatura que trata da relação dos povos indígenas com a pecuária enquanto empreendimento econômico. Por sua vez, estudar o tema na perspectiva do etnodesenvolvimento, da soberania alimentar e da autonomia dos povos indígenas é também um campo a ser construído. É possível que, dentro dessa perspectiva, a experiência de Roraima seja singular porque não compreende um caso isolado, restrito a

---

<sup>13</sup> Cerca de 98% da extensão total das terras indígenas no Brasil está situada na região denominada Amazônia Legal Brasileira, onde vive 60% da população indígena no Brasil. Nessa região, as terras indígenas abrangem 22% da Amazônia Legal (Santilli, 2010, p.12).

uma aldeia ou região, mas a dezenas de comunidades espalhadas por quase todas as regiões indígenas do estado. Com exceção dos ianomamis e Yekuanas, todas as demais tribos (Wai Wai, Waimiri-Atroari, Patamona, Ingaricó, Macuxi, Wapixana e Taurepang) trabalham com a pecuária, o que representa mais de 400 comunidades indígenas.

Com trajetória, histórico de contato, perda e recuperação de território semelhante aos TWM's da Terra Indígena São Marcos (RR), os Xakriabás de Minas Gerais, que vivem em área de transição do cerrado com a Caatinga, no vale do rio São Francisco, desenvolvem também experiência de criação bovina (em sistema familiar) e criação de animais de pequeno porte, como galinha, porco e carneiro (DINIZ *et al*, 2006).<sup>14</sup> Dado o manejo em área seca e confinada, a pecuária entre os Xakriabá se caracteriza como uma atividade de baixa produtividade, baixo valor agregado e frágeis relações regionais (DINIZ *et al*, 2006, p.9). Levantamento realizado em 2004 entre o povo Xakriabá registrou um plantel de 341 cavalos, 186 vacas leiteiras, 181 novilhas, 136 bezerros, 81 touros e 45 vacas para abate (Pesquisa: "Conhecendo a Economia Xakriabá", 2004). Na década de 1990, o gado foi introduzido em algumas aldeias da região do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, pelos militares como parte da negociação com as comunidades indígenas para implantação de unidades militares na fronteira, no âmbito do Projeto Calha Norte (Buchillet, 1991). Porém, dada a condição ambiental adversa, aliada a falta de conhecimento para o manejo do gado, os projetos não deram resultados, Sabe-se que diversos outros povos no Brasil desenvolvem criação bovina em sistema familiar, dentre os quais, os Potiguaras, de Monte Mor, na Paraíba, os *Terenas (MS)*, *Bakairi e Xavante (MT)*, dentre outros.

Em Roraima, a relação dos TWM com a pecuária data do final do século XVIII, quando foram atraídos para viver nos aldeamentos construídos pelos militares portugueses e, posteriormente, utilizados como mão de obra nas dezenas de fazendas de gado (IMBRÓZIO, 1993). Anos depois, os próprios TWM decidiram pela introdução da pecuária como uma atividade produtiva e fonte primária de alimentação. A criação é feita de maneira extensiva, com pouca ou quase nenhuma tecnologia, com a utilização de pastagem nativa, o chamado "lavrado", abundante na região, conforme mostra a figura abaixo.

---

<sup>14</sup> Trabalho apresentado no XII Seminário sobre Economia Mineira, organizado pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional-CEDEPLAR/UFMG, na cidade de Diamantina, no período de 29 de agosto a 1º de setembro de 2006. Disponível em [www.cedeplar.ufmg.br](http://www.cedeplar.ufmg.br)



Imagem 5: lavrado roraimense com presença de lagos naturais.  
Foto: Lewiski  
Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)  
Ano: 2010.

A criação extensiva se caracteriza pela baixa produtividade, decorrente principalmente da baixa fertilidade dos solos, aliada as baixas disponibilidades e qualidade da pastagem nativa e do manejo inadequado das pastagens cultivadas (COSTA *et al*, 2009). Na Terra Indígena São Marcos, a criação comunitária teve início nos primeiros anos da década de 1980. Os primeiros lotes de gado saíram da Fazenda São Marcos que era administrada pela FUNAI. As comunidades indígenas beneficiadas receberam 50 cabeças de gado, sendo 48 fêmeas e 2 reprodutores. O rebanho permanecia sob o gerenciamento da comunidade por cinco anos, depois era repassada para a comunidade seguinte. A produção gerada nesse período era então doada definitivamente para a comunidade. No mesmo período, a Igreja Católica levantou fundo no exterior para compra de gado que foram distribuídas às comunidades dentro do projeto denominado “Uma vaca para o índio”. As principais beneficiadas foram comunidades indígenas da Raposa Serra do Sol. Em 1987, o governo do então ex-Território Federal de Roraima chegou a comprar um lote de gado bovino para distribuir aos índios. Já com status de estado e em razão do acirramento de conflitos fundiários e a maciça campanha anti-indígena, os demais governadores abortaram a ideia.

O elemento gado, tanto na Terra Indígena São Marcos quanto na Raposa Serra do Sol teve um papel estratégico na luta pela reconquista dos territórios tradicionais tendo sido utilizado como medida de ocupação do espaço e pressão contra os posseiros. Em São



Marcos, com a indenização de mais de sessenta fazendas, casas e currais foram, enfim, ocupadas pelos rebanhos de gado e de carneiro das comunidades indígenas. O acesso às áreas antes não permitidas deu impulso na produção bovina, que saltou de 3.617 cabeças para 10 mil cabeças, em 2010 (Andrello, 1998; ADERR, 2010). A necessidade de tornar a atividade pastoril sustentável, econômica e ambientalmente, têm levado as lideranças indígenas da TISM a pensar outras tecnologias que contribuam no manejo do gado e do pasto. Desde 2006, se estuda formas de aproveitar a estrutura física da Fazenda indígena do Xanadu, para o desenvolvimento de experiências e tornando-a uma espécie de incubadora agropecuária indígena, cujos resultados, testados e aprovados, possam depois ser replicadas para as demais regiões que compõem a terra indígena São Marcos. Dada a sua localização, estrutura e área (11.250 hectares), a Fazenda Xanadu terá um papel fundamental nessa nova fase vivida pelas comunidades indígenas da região.

A busca pela fertilização do solo que possa contribuir para a melhoria da produção agrícola e pecuária acena para o uso de tecnologias que sejam acessíveis financeiramente para as comunidades indígenas, como o uso da técnica da rochagem que, de acordo com Theodoro (2011),

“é uma tecnologia ou uma prática agrícola de incorporação de rochas moídas e/ou minerais ao solo, sendo a calagem e a fostatagem natural casos particulares desta prática. A rochagem pode ser considerada como um tipo de remineralização, onde o pó de rocha é utilizado para rejuvenescer solos quimicamente empobrecidos pelo uso inadequado. Fundamenta-se, basicamente, na busca do equilíbrio da fertilidade, na conservação dos recursos naturais e na produtividade naturalmente sustentável” (Theodoro, 2011, p.14).

Em levantamento realizado pela EMBRAPA/RR, em áreas do cerrado de Roraima, relacionado ao nível de minerais no solo, nas pastagens nativas e nos animais, foram evidenciadas deficiências de cálcio, fósforo, cobre zinco, cobalto e sódio (COSTA *et al*, 2009, p.25). Pensado numa dimensão de médio e longo prazo, a introdução da técnica de rochagem pode contribuir decisivamente para atividade agropecuária das comunidades indígenas, trabalhadas dentro do conceito de agroecologia.

Outra técnica de interesse da região está relacionada ao **Pastoreio Racional Voisin (PRV) e Pastagem Ecológica**.

De acordo com Castagna *et al* (2008),

“O Pastoreio Racional Voisin – PRV é um sistema de manejo das pastagens que se baseia na intervenção humana permanente, nos processos da vida dos animais, da vida dos pastos e da vida do ambiente, a começar pela vida do solo e o desenvolvimento de sua biocenose” (Castagna *et al*, 2008.p.5).

Ainda segundo esses mesmos autores,

“... é um sistema de manejo das pastagens que respeita tanto a fisiologia das pastagens quanto os requerimentos nutricionais dos animais que delas se alimentam. O respeito à fisiologia advém da observância rigorosa aos tempos de ocupação e de repouso das parcelas o que, em termos da curva sigmoide de crescimento da pastagem, significa que a entrada do gado na parcela ocorre na segunda inflexão da curva; ponto a partir do qual os incrementos são decrescentes e que coincide com o ponto ótimo sob o ponto de vista “valor nutritivo da pastagem”, bem como das reservas acumuladas que proporcionarão um rebrote vigoroso; e a retirada dos animais da parcela se dá antes que eles possam comer os novos rebrotes e, com isso, debilitar as plantas de maior palatabilidade” (Ibid.p.5).

Entretanto, a busca por novos conhecimentos não significa para os povos indígenas, a substituição de práticas desenvolvidas pelos mesmos ao longo das últimas décadas. O interesse é construir os diálogos de saberes como forma de reforçar as tecnologias que já dominam e aproveitar e/ou incorporar novas práticas que julgarem importantes.

### **PARTE III**

#### **3. ASPECTOS BÁSICOS DO PROJETO PASTOREIO DO FUTURO**

O presente capítulo abordará aspectos considerados relevantes para as comunidades da Terra Indígena São Marcos, no tocante a busca de novas tecnologias que possam contribuir no melhoramento das suas atividades pastoris e agrícolas. Para tanto, não serão apresentados dados e informações numéricas relacionadas a custos das atividades e dos investimentos requeridos, mas informações de caráter qualitativas, que balizarão o protagonismo dessa região indígena brasileira. O Pastoreio do futuro: projeto de sustentabilidade para a terra indígena São Marcos, Roraima terá como:

##### **3.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES**

- A promoção da cidadania e da cultura material e imaterial dos povos indígenas Taurepang, Wapixana e Macuxi (TWM) da Terra Indígena São Marcos.
- Garantia de acesso às informações e participação de todas as comunidades indígenas existentes na Terra Indígena São Marcos nos processos de planejamento e tomada de decisões, com vistas ao compartilhamento de responsabilidades a respeito do futuro desejado.
- Valorização das práticas e dos conhecimentos tradicionais como condição fundamental para assegurar a sustentabilidade cultural, social e ambiental, dos povos indígenas Taurepang, Wapixana e Macuxi (TWM) da Terra Indígena São Marcos.
- Promoção da igualdade de gênero e respeito à autonomia de mulheres indígenas.

- Promoção equânime de justiça social para todos os povos da Terra Indígena São Marcos.
- Promoção e valorização do protagonismo e dos modelos próprios de governança dos povos indígenas Taurepang, Wapixana e Macuxi da Terra Indígena São Marcos.

### **3.2 OBJETIVO GERAL**

Constitui o objetivo geral do Pastoreio do Futuro: projeto de sustentabilidade para a terra indígena São Marcos, Roraima, a promoção da sustentabilidade ambiental e econômica da referida terra indígena, conforme assegurado no inciso 1 do Artigo 7º da Convenção Internacional do Trabalho (OIT), que diz:

Os povos interessados terão o direito de definir suas próprias prioridades no processo de desenvolvimento na medida em que afete sua vida, crenças, instituições, bem-estar espiritual e as terras que ocupam ou usam para outros fins, e de controlar, na maior medida possível, seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, eles participarão da formulação, implementação e avaliação de planos e programas de desenvolvimento nacional e regional que possam afetá-los diretamente (Convenção nº 169, Inciso 1, Art.7, OIT, 2011).

### **3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Implantar um sistema de gerenciamento técnico e administrativo da Fazenda Xanadu com vistas à busca de sua eficiência administrativa e produtiva, como uma unidade incubadora, responsável pelo desenvolvimento de experiências de interesse de toda a Terra Indígena São Marcos.
- Promover o melhoramento da estrutura física da Fazenda Xanadu, como recuperação de casas, currais, implantação do sistema de captação e distribuição de água, utilização de energia solar, necessários ao dom desenvolvimento de suas atividades.
- Implantar o sistema experimental de manejo de pasto natural com uso de piquetes voltados para engorda de novilhos e a formação de bacia leiteira.
- Promover o aumento em 100% do rebanho bovino e ovino da fazenda Xanadu num prazo de 36 meses, mediante a aquisição de 600 cabeças de novilho de um ano e meio, 600 cabeças de ovinos e 75 vacas leiteiras.
- Promover a participação, a avaliação e o acompanhamento do projeto por parte das comunidades indígena da terra Indígena de São Marcos e realizar o diálogo de saberes com especialistas e instituições, dentro e fora do estado.

### 3.4 METODOLOGIA DO PROJETO.

O gerenciamento técnico e administrativo do projeto será feito pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança (PRONESP) em parceria com a Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos-APITSM, que atuará como interveniente. O escritório-base das duas entidades ficará em Boa Vista, capital do estado de Roraima, onde serão feitas todas as operações relacionadas às contratações de bens e serviços, processos licitatórios, pagamentos de fornecedores e de pessoal de apoio técnico. Os encontros de planejamento e avaliação, cursos e treinamentos acontecerão em três pontos: Fazenda Xanadu (imagem 7), Malocção do Surumu e Centro Comunitário da Nova Esperança (imagem 8), abaixo;



Imagem 6: vista frontal da sede da Fazenda Xanadu.  
Foto: Alfredo Bernardo Pereira da Silva  
Ano: 2012.

A estrutura da Fazenda Xanadu compreende uma área de 11.250 hectares, curral para gado e carneiro, casa para carneiro e bezerros, casa de motor, barracão onde vivem os trabalhadores da fazenda, galinheiro e uma garagem de carro. Quatro pessoas cuidam atualmente da fazenda, sendo um gerente e três auxiliares operacionais. Quatrocentas cabeças e gado e 150 carneiros constituem o número de rebanho da fazenda.



Imagem 7: vista do Centro Comunitário da Nova Esperança.  
Foto: Alfredo Bernardo Pereira da Silva  
Ano: 2006.

Em razão da distancia das comunidades para tais centros, a participação das lideranças comunitárias e membros selecionados, para os encontros de avaliação, numa média de 30 pessoas, será apoiada com transporte, acomodação e alimentação. Situação similar ocorrerá nos casos da realização dos cursos e treinamentos, cuja média de participantes será de 25 pessoas por curso. Para cada tema incluso no projeto, um (a) especialista da área será contratado (a) e pago por hora/aula trabalhado, podendo ser do próprio estado ou fora dele. A carga horária dos encontros terá variação entre 8 e 24 horas de duração, em média.

Ao final do exercício de cada ano, uma reunião de avaliação será feita nos meses de dezembro com média de participação entre 300 e 400 pessoas. Ao final do terceiro ano, que marca o encerramento do projeto, será realizada uma Assembleia Geral para 1500 pessoas. No quarto trimestre do segundo ano do projeto, será realizado um **Dia de Campo** para um público médio de 400 pessoas na qual serão apresentados às comunidades indígenas e às instituições parceiras, os trabalhos que estiverem sendo desenvolvidas na fazenda Xanadu. Uma comissão de lideranças escolhidas pelas comunidades indígenas farão viagens para fora do estado, com objetivo de conhecer experiências exitosas nas áreas de mineralização do solo com aplicação de rochagem e também conhecer as técnicas de manejo do gado e de pastagens dentro dos princípios do Pastoreio Racional Voisin (PRV) e Pastagem

Ecológica. Para tanto, duas experiências serão selecionadas, sendo uma no Distrito Federal (para rochagem) e, a segunda, no Mato Grosso, para o pastoreio.

Para as atividades que envolverão edificações, obras e instalações, será assegurada no cronograma de trabalho, tempo suficiente para suas execuções, uma forma de lidar com eventuais imprevistos, como chuvas, dificuldades de acesso em algumas comunidades, demora na transporte de materiais, entrega de produtos, etc. As atividades de ferra e vacinação de rebanhos da fazenda Xanadu, contarão com a participação voluntária de vaqueiros das comunidades do entorno, a quem serão garantidos apoio em alimentação e acomodação. Para a compra e aquisição de matrizes, novilhos e carneiros previstos no projeto, o processo posterior à licitação será precedido de contratação de caminhões boiadeiros para levar a manada dos locais de compra até a fazenda. Para atuar em atividades permanentes da fazenda Xanadu, uma equipe composta por sete indígenas será contratada para atuar nas atividades relacionadas ao manejo de gado, motorista e tratorista da fazenda, além de outros tipos de serviços gerais. Por sua vez, a equipe técnica permanente do projeto será composta por quatro pessoas.

### **3.5 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE**

O PRONESP é uma associação indígena de base comunitária, fundada em 2001 pela Comunidade indígena da Nova Esperança. Seu intuito é o desenvolvimento de micros atividades de geração de renda, como turismo étnico e científico, piscicultura, artesanato e fruticultura. Sua experiência com projetos compreende: Projeto “Trilhas do Coatá” (2002/2003), voltado para implantação do turismo ecológico na Comunidade Indígena da Nova Esperança, que contou com recursos do Programa de Pequenos Projetos Ecosociais - PPECOS. No período de 2005/2007, executou dois convênios com órgãos federais. A primeira, com MS/FUNASA, voltado ao resgate da medicina tradicional indígena. A segunda, com o Ministério da Pesca e Aquicultura-MPA, para capacitação da comunidade Nova Esperança e implantação uma unidade experimental de piscicultura. Em 2009, realizou, na Comunidade Nova Esperança, a primeira edição da Feira de Empreendedores Indígenas de Roraima-FEIR. Dois anos depois, na cidade de Pacaraima (RR), promoveu a segunda edição do evento, através de novo convenio celebrado com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República- SEPPIR/PR.

Para divulgar suas atividades e produtos, a entidade participou de alguns eventos nacionais importantes com destaque para o Amazontech-2003 (Boa Vista, RR), 2ª e 3ª edição da Feira Internacional da Amazônia- FIAM (Manaus, AM, 2006/2006) e edições II, III e IV do Salão do Turismo (São Paulo, 2004, 2006, 2008). Em Roraima, integrou o Fórum Estadual de Turismo, Fórum Estadual de Economia Solidária, Colegiado do Território



Indígena da Cidadania de São Marcos e Raposa Serra do Sol e a Comissão para Acesso e permanência de estudantes indígenas no ensino superior em Roraima. A entidade tem como principais parceiras, o SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas de Roraima –SEBRAE/RR, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural- SENAR, Superintendência Regional do Ministério do Trabalho e Emprego em Roraima - SRMTE/RR, Organização das Cooperativas de Roraima- OCR, Organização das Cooperativas Brasileiras- OCB, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA, Distrito Sanitário do Leste de Roraima- DSEI/LESTE, IBAMA, Fundação Nacional do Índio- FUNAI e Secretaria de Estado do Índio, dentre outras. A associação é composta e dirigida por membros Macuxi, Wapixana e Taurepang que residem na própria comunidade. Na imagem abaixo, parte dos membros da entidade que atuaram na realização da II Feira de Empreendedores Indígenas de Roraima.



Imagem 8: componentes do PRONESP na realização da II Feira de Empreendedores Indígenas de Roraima (FEIR) realizada no período de 25 a 28 de novembro de 2011 na cidade de Pacaraima (RR).

Foto: Márcio Rodrigues

Fonte: arquivo PRONESP

Ano: 2011.

### **3.6 ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE**

O investimento preconizado para em termos de estrutura física, operacional e produtiva possibilitará a Fazenda Xanadu o desenvolvimento de suas atividades com mais eficiência, explorando atividades como a bacia leiteira, a piscicultura e o turismo rural, que aliado a carne bovina e ovina gerarão as receitas necessários ao custeio de grande parte de suas operações. Um ponto de comercialização será aberto na cidade de Pacaraima para produtos fabricados na fazenda como carne bovina e ovina, coalhada, queijos de manteiga e coalho e doces de leite. Tais produtos explorarão uma marca própria a ser registrada no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual-INPI, como forma de garantir agregação de

valor. A estratégia de marketing e de divulgação do projeto será feito através de um sítio eletrônico, bem como através de participação em feiras e eventos nacionais e internacionais de agronegócio e agropecuária. Esse processo estará integrado, via parceria, com empresas receptivas de turismo do estado e de outras regiões do país, na qual figurará o roteiro do turismo rural (cavalgada) e turismo científico tendo como principal atrativo o Sítio arqueológico da pedra Pintada<sup>15</sup>, conforme imagem abaixo.



Imagem 9: vista aérea do sítio arqueológico da Pedra Pintada situada na Terra Indígena São Marcos, município de Pacaraima (RR).  
Foto: Jorge Macedo  
Fonte: Roraima Adventures.

### 3.7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

A implantação da incubadora agropecuária indígena na Fazenda Xanadu está prevista para ser implementada num período de 36 meses. As atividades estão relacionadas aos objetivos específicos, com os seguintes destaques:

**3.7.1 ESTRUTURA TÉCNICA, ADMINISTRATIVA E DE GESTÃO:** que dotará a Fazenda Xanadu com equipamentos para usos em trabalhos e pesquisas (computadores, telefonia celular com antena rural, mobiliários, etc.); pessoal de apoio para atividades exclusivas vinculadas à fazenda (vaqueiro, motorista, operador de trator de arado, serviços gerais, etc.); equipe técnica (consultores nas áreas de medicina veterinária, zootecnia, biologia, etc.); equipe permanente, constituído por pessoal de gestão mobilizado pela entidade proponente/executora. (Projeto Técnico, PRONESP, 2012).

---

<sup>15</sup> O Sítio Arqueológico da Pedra Pintada encontra-se dentro da Terra Indígena São Marcos, no município de Pacaraima. No dia 20 de dezembro de 2012 o jornal Folha de Boa Vista ([www.folhabv.com.br](http://www.folhabv.com.br)) noticiou que membros do Ministério Público Federal, FUNAI fundação Nacional do índio e IPHAN – Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional estiveram visitando o sítio arqueológico para verificar in loco a sua atual situação e dá início ao processo de tombamento. O sítio arqueológico recebe anualmente um expressivo número de visitantes. Porém, devido a ausência de fiscalização, tem sido objeto de depredação e pichação pelos visitantes.



**3.7.2 ESTRUTURA FÍSICA E OPERACIONAL:** compreende investimento na aquisição de 01 veículo tipo pick-up 4 x 4 adaptado a região, destinado ao apoio de atividades logísticas do projeto e no atendimento as demais regiões, nas visitas técnicas; aquisição de 01 trator de arado que será utilizado para plantio de cultivares que serão utilizados em forragens, exemplos do sorgo, milho, cana de cavalo, assim como leguminosas que atenderão a demanda da fazenda; previsto também está a construção de 01 poço artesiano para a fazenda e uma unidade de captação de água em nascente para distribuição nas áreas de criação selecionadas, as quais serão divididas em forma de piquetes (cercas) com dimensões de 500m x 500m e 300m x 300m. Para suportar as atividades de manejo, o projeto prevê a recuperação de todas as cercas, casas de vacas, de bezerros e os currais. Para assegurar o apoio logístico da equipe do local e de lideranças, técnicos e visitantes, serão construídos um banheiro e um dormitório coletivo. A energia com o uso de óleo diesel será substituída por energia solar. Para manejo do leite será construído uma cozinha adaptada, atendendo as determinações da Vigilância Sanitária e demais órgãos fiscalizadores. Completando a estrutura da fazenda, a abertura da sua unidade de comercialização na cidade de Pacaraima. (Projeto Técnico, PRONESP, 2012).

**3.7.3. ESTRUTURA EXPERIMENTAL DE MANEJO DE GADO E DE PASTO:** compreende a construção e adaptação de dois espaços selecionados para manejo e criação de gado e de vaca leiteira, nos quais serão construídos oito piquetes (cerca) com dimensões de 500m x 500m para engorda de novilhos e cinco com dimensão de 300m x 300 para formação e exploração de bacia leiteira. O plantel de 400 cabeças de gado e 150 carneiros hoje existentes na fazenda Xanadu receberá um reforço de 600 novilhos de um ano e meio, 600 carneiros e 75 vacas leiteira ao longo de 36 meses. (Projeto Técnico, PRONESP, 2012).

**3.7.4 AVALIAÇÃO, DIVULGAÇÃO E DIÁLOGO DE SABERES:** etapa importante do projeto que garantirá às comunidades indígenas da TISM, o acompanhamento de todas as fases do projeto, através de encontros de avaliação, planejamento, capacitação em áreas de interesse da região, realização de Dia de Campo e Assembleias Gerais que ocorrerão no final de exercício de cada ano. Para conhecer experiências exitosas de aplicação de técnicas relacionadas ao manejo do pasto e do gado e de mineralização do solo, uma comissão composta por lideranças, vaqueiros, mulheres e jovens farão duas visitas em outros estados, sendo uma no Distrito Federal e outra em Mato Grosso. (Projeto Técnico, PRONESP, 2012).

Nos quadros abaixo, encontra-se a distribuição de todas as atividades relacionadas ao projeto Pastoreio do futuro: projeto de sustentabilidade para a terra indígena São Marcos, Roraima, divididas nos três anos previstos para sua implementação.

Ano: I

Objetivos	Atividades	M 01	M 02	M 03	M 04	M 05	M 06	M 07	M 08	M 09	M 10	M 11	M 12
<b>Implantar o sistema de gerenciamento técnico e administrativo da Fazenda Xanadu.</b>	Contratar a equipe técnica gestora	X	X										
	Contratar a equipe de apoio	X	X	X									
	Contratar equipe de Consultoria	X	X	X									
	Adquirir equipamentos e materiais permanentes	X	X	X									
	Adquirir mobiliários	X	X	X									
	Adquirir materiais de expediente	X	X	X									
	Adquirir veículo de apoio	X	X	X									
	Adquirir combustível e lubrificante		X			X			X			X	
<b>Promover o melhoramento da estrutura física da Fazenda Xanadu.</b>	Construir 01 poço artesiano de 40 metros				X	X	X	X					
	Recuperar o sistema hidráulico e elétrico da fazenda			X	X	X							
	Implantar o uso de energia solar na fazenda			X	X	X	X						
	Fazer a recuperação dos currais				X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Fazer a recuperação do galinheiro			X	X	X	X						
	Construir 01 alojamento coletivo de 100m <sup>2</sup>											X	X
	Construir cozinha de 60m <sup>2</sup> para tratamento de leite											X	X
	Construir 08 piquetes de 500m x 500m								X	X	X	X	X
	Construir 05 piquetes								X	X	X	X	X

<b>Implantar o sistema de manejo de pasto natural com uso de piquetes.</b>	de 300m x 300m												
	Adquirir máquinas e implementos agrícolas					X	X	X					
	Instalar 16 bebedouros nos 08 piquetes								X	X	X	X	X
	Instalar 10 bebedouros nos 05 piquetes												X
	Adquirir medicamentos, vacina e sal mineral		X			X			X			X	
	Realizar a vacinação do rebanho		X			X			X			X	
<b>Aumentar em 100% a população bovina e caprina da fazenda num período de 36 meses.</b>	Adquirir o 1º lote de novilhos (200 cabeças)										X	X	X
	Adquirir o 1º lote de ovinos (200 cabeças)							X	X	X			
	Adquirir o 1º lote de vaca leiteiras (25 cabeças)										X	X	X
<b>Promover a avaliação, planejamento e diálogo de saberes.</b>	Realizar encontro de planejamento e de avaliação técnica	X			X			X			X		
	Realizar encontros sobre o uso de rotação na mineralização do solo							X	X	X			
	Realizar encontro sobre o sistema de Pastagem Ecológica								X	X	X	X	X
	Encontro de avaliação Final do período											X	X

Quadro 5: Cronograma de atividades relativas ao ano I

Autor: Alfredo Bernardo Pereira da Silva

Fonte: Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança (PRONESP)

Ano: 2012.

## Ano: II

Objetivos específicos	Atividades	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
<b>Implantar o sistema de gerenciamento</b>	Capacitação de gestores na área de planejamento estratégico e Plano de	X	X										

<b>técnico e administrativo da Fazenda Xanadu.</b>	Negócios																		
	Adquirir combustíveis e lubrificantes		x				x			x								x	
	Realizar vagem de intercambio de experiência					x	x	x											
<b>Promover o melhoramento da estrutura física da Fazenda Xanadu.</b>	Construir 01 alojamento coletivo - 110m <sup>2</sup>	x	x	x	x	x	x												
	Construir cozinha de 60m <sup>2</sup> para tratamento de leite	x	x	x	x	x	x												
	Construir um banheiro coletivo -20m <sup>2</sup>	x	x	x	x	x	x												
	Realizar a recuperação dos barracões de gado e carneiros		x	x	x	x	x												
<b>Implantar o sistema de manejo de pasto natural com uso de piquetes.</b>	Construir 08 piquetes de 500m x 500m	x	x	x	x	x	x												
	Construir 05 piquetes de 300m x 300m	x	x	x	x	x	x												
	Construir cocheira nos piquetes	x	x	x	x	x	x												
	Adquirir medicamento, vacina e sal mineral.		x					x										x	
	Realizar a vacinação dos rebanhos		x					x										x	
<b>Aumentar em 100% a população bovina e caprina da fazenda num período de 36 meses.</b>	Adquirir o 2º lote de novilhos (200 cabeças)		x	x	x	x	x												
	Adquirir o 2º lote de ovinos (200 cabeças)		x	x	x	x	x												
	Adquirir o 2º lote de vacas leiteiras (25 cabeças)																	x	x

<b>Promover a avaliação, planejamento e diálogo de saberes.</b>	Realizar encontro de avaliação técnica		X			X				X			
	Realizar encontro sobre Cooperativismo e Associativismo	X	X	X	X	X							
	Realizar Curso sobre manipulação de carnes, leites e derivados	X	X										
	Realizar o Dia de Campo										X		
	Realizar encontro de avaliação final do período												X

Quadro 6: Cronograma de atividades relativas ao ano II

Autor: Alfredo Bernardo Pereira da Silva

Fonte: Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança (PRONESP)

Ano: 2012.

### Ano: III

Objetivos específicos	Atividades	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
<b>Implantar o sistema de gerenciamento técnico e administrativo da Fazenda Xanadu.</b>	Realizar capacitação sobre gestão financeira	X	X										
	Criar e manter um site do projeto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Adquirir combustível e lubrificante		X			X			X			X	
<b>Promover o melhoramento da estrutura física da Fazenda Xanadu.</b>	Construir unidade de captação e distribuição de água da nascente para os pastos os bebedouros dos piquetes 01 e 02.	X	X	X	X	X	X	X					
	Adquirir equipamentos para a cozinha de tratamento do leite	X	X	X	X								
	Organizar e manter												

	uma enfermaria na fazenda			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Implantar o sistema de manejo de pasto natural com uso de piquetes.</b>	Adquirir medicamento, vacina e sal mineral.		X				X					X	
	Realizar a vacinação dos rebanhos		X				X					X	
<b>Aumentar em 100% a população bovina e caprina da fazenda num período de 36 meses.</b>	Adquirir o 3º lote de novilhos (200 cabeças)	X	X	X									
	Adquirir o 3º lote de ovinos (200 cabeças)	X	X	X									
	Adquirir o 3º lote de vacas leiteiras (25 cabeças)	X	X	X									
<b>Promover a avaliação, planejamento e diálogo de saberes.</b>	Realizar encontro de avaliação técnica	X			X			X				X	
	Realizar seminário sobre acesso a mercados e preço justo					X	X						
	Realizar Encontro Geral para Avaliação Final do Projeto											X	X

Quadro 7: Cronograma de atividades relativas ao ano III

Autor: Alfredo Bernardo Pereira da Silva

Fonte: Programa de Desenvolvimento Sustentável de Nova Esperança (PRONESP)

Ano: 2012.

## CONCLUSÃO

O Pastoreio do Futuro: projeto de sustentabilidade para a terra indígena São Marcos, Roraima, compreende uma ação importante das mais de quarenta comunidades indígenas que habitam a Terra Indígena São Marcos, analisada sob o ponto de vista do protagonismo indígena. A iniciativa acontece dentro de um cenário pós-desintrusão, ocorrido no período 1999 a 2003, que lhes devolveu o controle de aproximadamente 654.000 hectares. Com isso, a região indígena vive uma realidade que apresenta o aumento natural de sua população, a ocupação de novos espaços e maior pressão sobre os recursos naturais. O desafio dos Taurepang, Wapixana e Macuxi exige habilidade para a construção de diálogos permanentes entre si, que facilite na gestão dos recursos naturais de uso comum. Daí que, a busca pela promoção do desenvolvimento sustentável TWM, evoca a construção do

diálogo de saberes com outras tecnologias e conhecimentos, sobretudo as vinculadas às tecnologias de produção agropecuária.

A atividade pastoril, já incorporada à cultura dos TWM, tem para os mesmos uma importância social e econômica significativa, ao mesmo tempo em que, vista sob o prisma econômico, exige a adoção de mecanismos outros, que assegure sua sustentabilidade ambiental. A necessidade de criação de uma incubadora agropecuária indígena na fazenda Xanadu, voltada ao estudo e do melhoramento do sistema de manejo de pasto e de rebanho torna-se um imperativo.

Por outro lado, a agricultura, que é a segunda atividade produtiva importante para os povos TWM, sofre dificuldades para se desenvolver por conta da inexistência de solos férteis, o que faz com a produção não acompanhe a demanda. A fertilização do solo através do processo convencional (uso de adubos químicos), além de danosa ao meio ambiente, é um processo oneroso para os padrões das comunidades indígenas. Soma-se a isso, a inexistência de políticas e de incentivos governamentais que facilite o acesso das comunidades indígenas ao calcário, por exemplo. Por conta disso, os TWM querem discutir conhecimentos alternativos relacionados à fertilização do solo, como a utilizada pela técnica de rochagem que, de acordo com especialistas, pode resolver o problema da infertilidade do solo, além de conjugar satisfatoriamente a equação custo/benefício.

Dentro dessa premissa, entende-se como possível, que os povos indígenas Taurepang, Wapixana e Macuxi de São Marcos possam conhecer novas práticas, novos conhecimentos e, até mesmo, absorver parte delas, sem, contudo, promover a substituição total e completa de suas práticas de manejo de gado e da agricultura, desenvolvidas e gestadas ao longo de várias décadas, visto que, são exatamente a conjugação e a simbiose de elementos materiais e subjetivos empregadas por esses povos, os responsáveis diretos pela manutenção dos atuais modelos existentes nas duas atividades produtivas.

Conclui-se que, a garantia da sustentabilidade cultural, social e ambiental está em reconhecer e respeitar, tanto o **Saber** quanto o **Fazer** próprio dos TMW que, mesmo dentro do contexto econômico mundial, resiste e subsiste, conferindo-lhes a face que os diferenciam entre os demais povos indígenas do estado de Roraima e do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRELLO, G. **Relatório sobre a terra Indígena São Marcos: histórico e situação atual**, 1998.
- ANDRELLO, G. 1993: “**Rumo Norte: Migrações e Profetismo Taurepáng no Século XX**”. *Ciências Sociais Hoje* 1993:244-265.
- ALMEIDA, D.A. **Utilização de imagem Landsat-5/TM e SRTM para reconhecimento e análise das mudanças na paisagem da Serra de Pacaraima**. 2008. Dissertação (Mestrado em recursos Naturais). Universidade Federal de Roraima. Roraima.
- BARBOSA, R.I. **Ocupação Humana em Roraima**. I. Do histórico Colonial ao início do assentamento dirigido. *Bol.Mus. Par.Emílio Goeldi*, 9(1): 1993 p.123-144.
- BRUCE, J.W. **Legal bases for the management of Forest resource as common property**. Rome: FAO, 1999. 129p. (Community Forestry Note, 14)
- BUCHILLET, D. **Pari-Cachoeira: o laboratório Tukano do Projeto Calha Norte**. In: Povos Indígenas no Brasil 1987/88/89/90. CEDI-SP. 1991.
- CARLOS, Carlos Alberto Borges da. **A Revolta do Rupununi: uma etnologia possível**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- CASTANHA, A. A. ARVOVICH. M. RODRIGUES. E. **Pastoreio Racional Voisin; Manejo Agroecológica de Pastagem**. Niterói. Programa Rio Rural, 2008. 33 p.
- CONHECENDO A ECONOMIA XAKRIABÁ. **Relatório preliminar de pesquisa**. Belo Horizonte: São João das Missões: Cedeplar/FAE/UFMG/AIX/CERIS, 2005. (62 p.).
- COSTA, L.C *et al.* **Alternativa Tecnológica para a Pecuária de Roraima**. Boa Vista: Embrapa Roraima. 2009. 1ª edição. 34 p.
- DINIZ, S *et al.* **Economia e Desenvolvimento no Território Indígena Xakriabá-Mg**. Trabalho apresentado no XII Seminário sobre Economia Mineira, CEDEPLAR-UFGM, 2006, 22p.
- Censo Populacional de Saúde**. Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima-DSEILESTE/SESAI/RR. 2012.
- Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT/Organização Internacional do Trabalho-Brasília. OIT, 2011. 1 v.
- FARAGE, N. “**As Fazendas Nacionais do Rio Branco**”. Datilo. São Paulo: CEDI. 1986.
- FREIRE, R. M. **Implicações para projetos de manejo comunitário: um estudo de caso numa comunidade tradicional da Floresta Nacional do Tapajós-PA**. Dissertação (Mestrado em Ciências)-Universidade de São Paulo. Piracicaba. São Paulo. 2001.
- HALL, A. **Sustaining Amazonia: grassroots action for productive conservation**, New York: Manchester University Press, 1997, 48p.
- HARDIN, G. The tragedy of the commons. *Science*. 1968. V.162.p.1243-1248.



OELZ, Martin. **El Convenio num.111 de La OIT y las ocupaciones Tradicionales de lós Pueblos Indígenas.** In: Boletín Pueblos Indígenas e Tribales. Organización Internacional de Trabajo.- Ginebra:OIT,2008.1v

OSTROM, E; McKEAN, M. **Regimes de Propriedade Comum em florestas: somente uma reliquia do passado?** In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A. C (Org). Espaços e recursos naturais de uso comum. São Paulo: Nupaub-Usp, 2001. p.79-95.

OSTROM *et al* : **Revisiting the Commons:** Local Lessons, Global Challenges, Science, 1999. Vol. 284. no. 5412, pp. 278 – 282

PENNA, V. M. **Relatório de Atividades.** Convênio 001/04 APSM/Eletronorte/FUNAI. Setembro/2004 a janeiro/2005.

Projeto Técnico. PRONESP. 2012. 48p.

RICHARDS,M. **Tragedy of the commons community-based Forest management in Latin America?** London: ODI, 1997.9p. (Natural Resource Perspectives, 22).

SANTILLI, P.J.B. **Fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco.** São Paulo: USP-NHII; FAPESP, 1994. 119 p.

SANTILLI, P.J.B. **Pemongon Pata:** território Macuxi, rotas de conflito. São Paulo: UNESP. 1997. 2001. 226 p.

SANTILLI, M. **Terras Indígenas e Crise Climática.** In:Desmatamento evitado (REDD) e povos indígenas:experiências, desafios e oportunidades no contexto amazônico. VALLE, R.S. T (Org). São Paulo: Instituto Socioambiental; Washington, EUA: Forest Trends, 2010.

SIMÕES *et al.***Elimar Ostrom: "Governar os Comuns"**. Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Mestrado em Economia e Política do Ambiente.Jan.2011.16p.

SCHRODER, P. **Economia Indígena.** Situação Atual e Problemas relacionados a Projetos Indígenas de comercialização na Amazônia Legal. Ed. Universitária. UFPE, 2003. 177p.

KIPURY, Naomi. **Las ocupaciones Tradicionales de lós pastores Kenianos.** In: Boletín Pueblos Indígenas e Tribales. Organización Internacional de Trabajo.- Ginebra:OIT,2008.1v

THEODORO, S.H. **Cartilha da Rochagem.** Gráfica e Ed. Ideal. Brasília.2011.32p.

VALENTIM & ANDRADE. Tendência e perspectivas de pecuária bovina na Amazônia Brasileira. Amazônia; Ci & Desenvolvimento. Belém. v 4. n 8, jan/jun.2009.

KOCH-GRUNBERG, T. **Del Roraima al Orinoco.** Ed. Banco Central de Venezuela. 1979-1982.

[http://www.aderr.rr.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=65&Itemid=1](http://www.aderr.rr.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=65&Itemid=1)  
acesso em 22 de setembro de 2012.